

2

No Tatame

Nunca gostei de dar aulas a atletas. Atleta não precisa. Quem precisa do meu jiu-jitsu é o cara franzino, apavorado, frouxo, inseguro, indefeso. Já imaginou esse cara ter certeza que não leva facada, paulada, pisão, soco, pontapé, gravata? Ele aprende a sair de qualquer situação e começa a ver que é invencível. Sua moral tímida muda para a de alguém que acredita em si, e isso não tem preço. (...) Criei um veículo para dar segurança às pessoas.

Hélio Gracie

Não estava em meus planos iniciais fazer uma incursão pela história do jiu-jitsu tal como desenvolvido pela família Gracie no Brasil. Pretendia iniciar logo com o relato de minha experiência etnográfica, isto é, com o trabalho de campo propriamente dito, a vivência no tatame. Mas a feitura de planos, permitam-me o clichê, não é algo que costuma combinar com o ofício de antropólogo. Pois foi durante a ocasião a mais descompromissada, uma conversa informal durante um jantar entre amigos, que me vi subitamente obrigado a mudar de idéia.

À certa altura, perguntaram-me sobre minha vida profissional. Falei um pouco sobre meus estudos em ciências sociais, e do projeto de minha pesquisa, ainda incipiente. Como houvesse curiosidade da parte de meus interlocutores, senti-me à vontade para alongar o assunto; e então discorri brevemente sobre o retorno aos tatames, o reencontro com antigos companheiros de treinos, e mencionei meu espanto diante da inabalável fé que eles demonstram ter na eficácia da técnica do jiu-jitsu numa briga de rua. “O jiu-jitsu é a arte marcial mais eficiente que existe”, afirmei, repetindo o discurso dos “nativos”. Ao que um dos presentes à mesa, lutador de caratê, retrucou: “olha, o jiu-jitsu pode até ser mais eficiente numa situação ‘mano-a-mano’, mas numa porrada em lugar público, tipo uma festa ou boate, não é não”. Tinha razão.

O jiu-jitsu é uma arte marcial inteiramente voltada para a luta no solo: ensina a agarrar o oponente, aplicar-lhe uma queda e então subjugar-lo, em geral por meio de uma chave-de-braço ou estrangulamento. É uma técnica que costuma funcionar quando se tem a certeza de que ninguém irá interferir na briga, o que não é o caso de confusões que se armam em bares, festas ou boates. Em tais circunstâncias, agarrar-se a um adversário no chão, mesmo que o dominando por

completo, é ficar em posição vulnerável. Há sempre o risco de tornar-se vítima de socos e pontapés dos amigos da outra parte envolvida na briga – ou, em casos mais extremos, de “cadeiradas”, “garrafadas” e do que mais o azar permitir que caia em mãos alheias.

Tudo isso serviu para chamar minha atenção para o fato de que, em tese, os “pitboys” deveriam haver surgido não entre praticantes de jiu-jitsu, mas entre lutadores de caratê, boxe, boxe tailandês, tae kwon do ou qualquer outra arte marcial que ensine a lutar em pé e à distância, pois é este o tipo de técnica de luta que se exige numa briga dentro de uma festa ou boate. Percebi, então, que *a confiança dos lutadores de jiu-jitsu na eficácia de sua técnica em confrontos violentos era tão grande que extrapolava os limites da razão utilitária*. Aí estava a primeira questão que importava examinar: de onde provinha esta arraigada confiança? Mais ainda, como ela encontrava meios para atualizar-se? Se meu objetivo principal neste trabalho era entender melhor a violência associada aos “pitboys”, que por sua vez estão associados ao jiu-jitsu, então teria necessariamente que conhecer a tradição desta arte marcial, da qual eles, “pitboys”, são em parte herdeiros. A idéia da superioridade da eficácia da técnica do jiu-jitsu, e o poder de atração que ela exerce, é parte desta tradição tanto quanto a própria técnica, seus movimentos, golpes e macetes.

2.1

Superioridade e identidade: breve história do Gracie jiu-jitsu

No dia de natal do ano de 1898, um rapaz de vinte anos, 1,64 metro e sessenta e oito quilos causou assombro no tradicional torneio realizado na academia Kodokan, em Tóquio. Derrotou, em seqüência, quinze oponentes. Ao final, teve colocada na cintura a faixa-preta pelas mãos de Jigoro Kano, ninguém menos que o fundador do judô moderno. Chamava-se Mitsuyo Maeda. Praticava, além do judô, antigas formas de jiu-jitsu japonês.

Em 1904, Maeda recebeu de seu mestre a tarefa de popularizar o judô nos Estados Unidos. Estreou derrotando alguns *wrestlers*¹ americanos na prestigiosa

¹ “Wrestler” é o praticante de *wrestling*, modalidade que no Brasil é chamada de luta greco-romana, cujo objetivo é derrubar o oponente de modo a colocar suas costas inteiramente no chão.

academia militar de *West Point*. Em Nova York, participou de diversas lutas *underground*, sendo a principal contra um adversário conhecido como “*The Butcher*” (“o Açougueiro”). Vitorioso, ofereceu-se em desafio ao então campeão mundial de boxe da categoria peso pesado, Jack Johnson. Não obteve resposta. O jovem lutador, no entanto, recusou-se a limitar seus horizontes aos Estados Unidos. Acumulou viagens e vitórias em Inglaterra, Bélgica, Espanha e Cuba. Mas foi no Brasil que decidiu fixar-se, já quase uma década depois de haver deixado o Japão.

Nos anos vinte, um projeto de colonização do governo japonês no norte do Brasil reclamou os serviços de Maeda, que, então apelidado de Conde Koma, foi transferido para Belém, onde viveu até o fim da vida. Morreu a 28 de novembro de 1941 – não sem antes ensinar sua técnica a Carlos Gracie, filho de Gastão Gracie, homem de reconhecida influência na região.

De volta ao Rio de Janeiro, Carlos abriu sua própria academia em 1925, inaugurando a tradição de luta na família Gracie. O primeiro anúncio, mandou veicular no jornal: ao lado de uma foto sua, a chamada “Se você quer um braço ou uma costela quebrada, ligue para Carlos Gracie no número abaixo...”.² Foi Carlos também quem deu início a outra tradição entre os Gracie, tão importante e longa quanto o aprendizado do jiu-jitsu. Como tivesse sua preparação para as lutas amiúde prejudicada por enxaquecas e inflamações na pleura, para os quais não encontrava remédio na medicina tradicional de sua época, pôs-se a pesquisar as propriedades de alimentos e ervas. Desenvolveu assim uma dieta rigorosa, formulada de acordo com a classificação dos alimentos em diferentes grupos e a combinação apropriada entre eles, cujo objetivo consistia basicamente em equilibrar o pH dos ingredientes das refeições, evitando sobretudo o excesso de acidez.

Ao cuidado com o corpo, o pioneiro do clã Gracie somou a prática da meditação, através da qual tratava de desenvolver-se também espiritualmente. Corpo e mente equilibrados, a saúde melhorada, Carlos pôde colocar-se mais à prova em desafios públicos. É sua filha (e biógrafa) Reyla quem conta:

Carlos sempre foi totalmente contra a associação do jiu-jitsu à violência. Obviamente que, no início, Carlos botava anúncios nos jornais e desafiava

² Fonte: Gracie Magazine, edição 78 (julho de 2003), pg. 18.

estivadores muito mais musculosos no cais do porto, até porque, na década de 30, existia a necessidade de firmar uma supremacia e formar uma identidade. Foi quando começaram os comentários: “Os Gracie são invencíveis. Os Gracie resolvem na porrada”. (Fonte: Gracie Magazine, edição 94, novembro de 2004, pg 42; itálicos meus.)

É certo que Carlos teve uma carreira expressiva, e vitoriosa, como lutador; os números completos de seus embates, contudo, não me foram possíveis levantar. De qualquer maneira, foi somente com seu irmão Hélio, onze anos mais moço, que o sobrenome Gracie logrou conquistar fama nacional.

Hélio Gracie transformou o jiu-jitsu que Maeda ensinou a seu irmão Carlos no que hoje é conhecido no mundo todo por “brazilian jiu-jitsu”. Hélio era um adolescente franzino, de saúde precária; tinha desmaios tão freqüentes quanto súbitos, o que levou o médico da família, o Dr. Fábio Carneiro de Mendonça, a proibi-lo de praticar atividades físicas. “Ninguém sabia o que era. Se eu visse sangue, desmaiava; se escutava gemidos, desfalecia; se me emocionasse, também, cheguei a desmaiar na igreja quando fui rezar”, diz Hélio.³ Impossibilitado durante anos de praticar jiu-jitsu com os irmãos, limitava-se a observá-los. Quando enfim começou a treinar, percebeu que não conseguia executar os mesmos movimentos e golpes que tanto estava acostumado a ver. Faltava-lhe força. A limitação física o obrigou a desenvolver um estilo próprio.

Comecei a querer repetir tudo o que o Carlos fazia, mas não conseguia. Então, dei meu jeito. É como um cara forte que consegue levantar um carro com a mão. Eu preciso de um macaco. E foi assim que eu criei o jiu-jitsu de hoje. (...) Não foi feito com inteligência, mas com instinto. É como você sentado, cansa da posição e descruza a perna. Sem pensar. Da mesma forma, aperfeiçoei a técnica, sem mérito, mas porque era preciso. Quando descobria um jeitinho, treinava aquilo. (Fonte: Gracie Magazine, edição 50, março de 2001, pg.27)

De jeitinho em jeitinho, Hélio foi transformando o jiu-jitsu até fazê-lo merecer o apelido de “arte suave”. À técnica nos tatames, Hélio adicionava os rigores de uma vida disciplinada, às vezes até o ponto do exagero – não fumava, não colocava uma gota sequer de álcool na boca, não praticava sexo que não fosse para fins de reprodução. Tanta abnegação rapidamente o levou a ocupar lugar de destaque entre os Gracie. Abriu sua própria academia, primeiro no bairro do Flamengo, e depois, em sociedade com seu irmão Carlos, na avenida Rio Branco.

³ Fonte: Revista Gracie Magazine, edição 50 (março de 2001), pg. 27.

A academia ocupava um andar inteiro de um prédio, chegando a contabilizar cem aulas particulares por dia (com o auxílio de outros instrutores, como Hélio Vígio, Armando Wriedt, João Alberto Barreto, Carlson e Robson Gracie) e uma média de seiscentos alunos por mês. Os kimonos eram fornecidos pela própria academia; nos finais de semana, o enorme amontoado de pano sujo seguia numa caminhonete para a casa da família Gracie em Teresópolis, onde duas máquinas industriais de lavanderia se encarregavam de limpá-los. Hélio controlava a tudo com mão de ferro, o asseio das instalações e dos kimonos, a pontualidade das aulas, o desenvolvimento dos alunos, o desempenho de sua equipe de professores. “Os donos do Brasil passaram por lá”⁴, diz, sem modéstia.

Se eu pegasse alguém falando: “Fulano, deita”, anotava. “Deita” o cacete! “Sr. Fulano, faz o favor de deitar?”. Então são pequenas coisas, mas que faziam parte do método. O aluno tem que se sentir respeitado. Dávamos aulas para presidentes, ministros de estado. Já pensou: “Deita, Figueiredo?” (Fonte: Revista Gracie Magazine, edição 51, abril de 2001, pg. 35.)

Nos anos trinta, o Gracie jiu-jitsu prosperava não tanto em função do que acontecia no interior de suas academias, mas sobretudo em razão do que se passava fora delas. O sucesso e a reputação da técnica de defesa pessoal associada ao sobrenome Gracie foi construído por sobre testes públicos, que foram muitos e diversos – confrontos de luta esportiva, sem golpes traumáticos, lutas oficiais de vale-tudo ou simplesmente brigas de rua. Hélio estreou publicamente com uma vitória rápida, obtida com um *arm lock* (“chave de braço”), sobre o lutador de boxe Antônio Portugal. Em 1932, o primeiro empate da carreira, uma luta de cento e dez minutos contra o “gigante” americano Fred Ebert, interrompida pela polícia, pois era proibido a espetáculos públicos prolongarem-se após as duas horas da manhã. Empate com sabor de vitória: “Meus cotovelos ficaram pretos feito a sola de um sapato, de tanto que eu dei na cara dele. Foi aí que eu fiquei famoso”⁵, relembra Hélio. Mas a memória nem sempre é a conselheira mais fiel. Antes da luta contra Ebert a fama já havia alcançado os Gracie, num episódio sangrento.

Aconteceu que Manoel Rufino dos Santos, campeão sul-americano de luta livre, teria dado uma declaração na qual afirmava que “se não estivesse afastado

⁴ Fonte: Revista Gracie Magazine, edição 51 (abril de 2001), pg. 35.

⁵ Fonte: Revista Gracie Magazine, edição 50 (março de 2001), pg. 28.

dos ringues, mostraria que os Gracie não eram essas coisas”⁶. A resposta não tardou. Hélio e seus quatro irmãos pegaram um táxi e foram ao encontro de Rufino, no Tijuca Tênis Clube.

Cheguei lá, saltei e parti pra cima dele: “Vim te dar a resposta”, e dei-lhe um tapa na boca. Ele deu um murro, bloqueei, entrei em queda, ele bateu com a base do crânio no chão. Espirrava sangue pra burro. Quis ficar por cima, mas ele, muito forte, levantou e saiu correndo, gritando para alguém do clube. Corri, passei e o puxei, dando outra queda. Depois peguei o braço, teve até que botar platina. Ele se virou e eu enforquei, quando o Carlos mandou largar, salvando o homem. (Fonte: Revista Gracie Magazine, edição 50, março de 2001, pg. 31.)

A briga lhes rendeu um processo e, “enquanto aguardava julgamento, Hélio quase foi impedido de lutar, como noticiam os jornais antes da luta contra Fred Ebert”. No tribunal, quando indagado se havia contado com a ajuda dos irmãos ao massacrar Rufino, respondeu: “Fiz [sozinho], e se quiser que eu prove, faço de novo, aqui mesmo”. Foi condenado em primeira instância a dois anos e meio de prisão; seus irmãos, a um ano e meio. Uma aluna de Hélio, de família influente, foi interceder junto a Getúlio Vargas. Pediu-lhe a suspensão da pena, mas

o presidente disse que não nos podia indultar se a gente estivesse na rua. E a polícia não nos prendia, tinha medo, mas acabamos nos apresentando. Foi a maior mordomia na prisão, as portas abertas, recebíamos visita o dia inteiro, e nossa comida entrava e saía. Regalia total. Os Associados fizeram uma reportagem: “Primeira vez que se faz entrevista dentro da prisão”. (Fonte: Revista Gracie Magazine, edição 50, março de 2001, pg. 31.)

Passaram somente onze dias na cadeia. Vargas lhes concedeu o indulto logo após a confirmação da sentença pelo Supremo Tribunal Federal. Tempos depois, Hélio admitiria: “Foi besteira. Mas nosso temperamento era fogo”.⁷

O temperamento de Hélio, contudo, por mais explosivo e de prontidão constante para a luta que fosse, não o levava a brigar na rua por razão pouca ou nenhuma. Hélio fazia questão de brigar somente quando a arte marcial que havia

⁶ Fonte: Revista Gracie Magazine, edição 50 (março de 2001), pg. 31.

⁷ Fonte: Revista Gracie Magazine, edição 50 (março de 2001), pg. 31. Nesta mesma edição, há um outro caso que ilustra bem a disposição de Hélio Gracie para a luta. Conta que, na praia, ficou encarando um sujeito “com quase dois metros”. O tal sujeito se aproximou, perguntou o quê Hélio estava olhando e, em seguida, disse que gostaria de lhe quebrar a cara. “Então por que não quebra?”, foi a resposta. Iniciada a briga, o grandalhão rapidamente foi levado ao chão e dominado. “Peguei a barba dele, puxei e disse: vou mostrar que você, com essa barba toda, é viado!”. Hélio encaixou um estrangulamento, o adversário desmaiou. Depois de acordado, perguntou-lhe: “Já ouviu falar no Hélio Gracie?”

criado fosse desafiada, desdenhada, ou quando a honra da família se visse aviltada. Sua luta era para provar a superioridade do Gracie jiu-jitsu, para torná-lo conhecido e respeitado como a mais eficiente de todas as artes marciais, aquela que permite ao fraco derrotar o forte; na verdade, dedicou a vida inteira a tal tarefa. Um antigo conhecido de Hélio, hoje um nonagenário como ele, conta que mais de uma vez viu o Gracie fazer uso de sua notoriedade como lutador para resolver uma situação conflituosa sem o emprego da violência:

Estávamos num baile no Teatro Municipal, e a uma certa altura um jovem agarrou uma moça pelos cabelos. Cismou de dar umas bitocas nela. Mas a moça, coitada, não queria conversa, tentava se desvencilhar, mas não conseguia porque o rapaz era mais forte. Vendo aquela cena, o Hélio foi lá e tirou as mãos do camarada de cima da moça, e em seguida deu um cartão com o nome e o endereço da academia Gracie, se não me engano na [avenida] Rio Branco. O camarada deu meia volta e saiu de fininho.

Em outra ocasião, Hélio salvara seu pescoço:

Uma vez eu dei um encontrão num camarada, sem querer, eu não tinha a intenção de esbarrar, o copo na minha mão voou e foi vinho para tudo quanto era lado na camisa dele. O camarada se zangou, imagina, tomou um banho de vinho numa festa. E veio tirar satisfações comigo. Eu pedi desculpas, disse que foi sem querer, mas ele não aceitou minhas desculpas. Ele queria briga. O Hélio estava do meu lado, viu tudo, e quando o rapaz, que aliás era muito mais alto e parrudo do que nós dois, fez que ia me dar um safanão, o Hélio se colocou na frente dele, e puxou o cartãozinho do bolso da camisa e disse: “Se quiser brigar, me procura lá na Academia, o endereço está aí”. O grandalhão ficou sem reação, olhou para o lado, para o outro, e saiu andando.

Não foram poucas as vezes em que o jiu-jitsu dos Gracie teve sua eficiência colocada à prova⁸. Entre os inúmeros desafios na carreira de Hélio, sobressaem-se os confrontos contra os japoneses Kato e Kimura, em 1951, e contra seu ex-aluno Waldemar Santana, em 1955. As lutas contra os japoneses ocorreram por ocasião

⁸ A este respeito, veja-se o seguinte depoimento de Hélio: “Toda hora vinha gente me desafiar, mas eu não lutava contra qualquer um em público. O cara vinha e eu surrava dentro da academia. Eles perdiam rápido, não sabiam nada de jiu-jitsu. Eu dava pontapé na bunda, ridicularizava. E fazia tudo de graça, para *me convencer da superioridade do jiu-jitsu*. (Fonte: Revista Gracie Magazine, edição 50, março de 2001, pg 29; itálicos meus.) Carlson, seu sobrinho, relata o mesmo expediente: “...sempre aparecia gente para nos desafiar. Inclusive, ficávamos sempre lá na academia de prontidão, eu, Hélio Vígio, João Alberto, e sempre aparecia alguém. ‘Quem vai pegar sou eu’, ‘Não, sou eu’, tinha até briga para ver quem ia lutar. (...) No mesmo dia às vezes a gente fazia duas ou três lutas, eu torcia sempre para aparecer alguém.” (Fonte: Revista Gracie Magazine, edição 109, março de 2006, pg 54.)

da passagem da delegação japonesa de judô no Brasil. Kato, o segundo melhor lutador do Japão, lutou duas vezes com Hélio. O primeiro confronto, travado nas regras do jiu-jitsu esportivo no Maracanã, terminou em empate; o segundo, também sob as mesmas regras, ocorrido dias depois no estádio do Pacaembu, acabou com Kato desacordado, vítima de um estrangulamento. “Foi a maior emoção da minha vida, pois constatei que o meu jiu-jitsu era superior ao dele”, disse o Gracie aos jornais da época. Faltava somente enfrentar Kimura, então o campeão absoluto de judô japonês, o que acabaria acontecendo a 23 de outubro daquele mesmo ano. Kimura, vinte e cinco quilos mais pesado, afirmou que se Hélio lhe resistisse por mais de três minutos, poderia se considerar campeão. A luta, acompanhada por cerca de vinte mil pessoas no estádio do Maracanã, durou treze minutos. Ainda assim, vitória do japonês: pego numa chave de braço certa, Hélio recusou-se a “bater”, isto é, a dar os três tapinhas sinalizando desistência, e teve o braço fraturado, obrigando o seu córner a jogar a toalha.

A luta contra Waldemar Santana deveu-se a uma desavença profissional. Ainda um aluno da academia Gracie, Santana fora convidado a lutar no Palácio de Alumínio, lugar famoso por suas “marmeladas”, combates previamente arranjados, combinados. Santana garantiu que a luta seria “para valer”, mas Hélio temia que o sobrenome Gracie ficasse associado àquele tipo de evento – e portanto manchado naquilo que lhe era mais caro. O aluno contrariou o mestre e decidiu lutar assim mesmo; acabou expulso da academia. Então, “um jornalista malandro arrancou dele uma declaração de que eu não era aquilo tudo que se pensava. Eu não gostei, tomei satisfação, ele não desmentiu e acabamos brigando, de um dia para o outro.”⁹

O dia foi 24 de maio de 1955. Hélio tinha quarenta e dois anos, sessenta quilos e uma infecção no ouvido que lhe subia uma febre de trinta e oito graus; Santana, oitenta e oito quilos e o esplendor de seus vinte e três anos. Trocaram socos, chutes, cotoveladas, joelhadas, cabeçadas, torções e estrangulamentos por três horas e quarenta minutos ininterruptos, naquele que é até hoje o mais longo vale-tudo de que se tem notícia. Ao final, um exausto Hélio “apagou”. O desfecho da luta permanece nebuloso, até para o próprio Hélio: ora afirma-se que Waldemar o teria acertado com um pontapé, ora que ele simplesmente caiu

⁹ Fonte: Revista Gracie Magazine, edição 51, abril de 2001, pg 36.

desmaiado, sozinho. O certo é que, tão logo a toalha foi jogada, o jovem Carlson invadiu o ringue e ergueu nos ombros o tio desacordado. Ali mesmo prometeu vingança: “É o seguinte, agora o negócio mudou de figura, bicho. Não tenho nada contra você, sou seu amigo, mas vou ter que te pegar. No ringue, e lá não tem esse negócio, é pau puro. Vou procurar te arrebentar. Se prepara que eu vou entrar pra te quebrar.”¹⁰

No dia seguinte ao combate, o patriarca Carlos assim explicava a derrota do irmão mais novo ao jornal O Globo:

... desejo, a fim de que não sejam exploradas as minhas declarações, afirmar de início que Waldemar lutou muito bem e que sua vitória não poderá sofrer qualquer contestação. (...) Entretanto, é preciso que se saiba que Hélio entrou no ringue apenas por uma questão de honra, sem ter dado sequer um treino [Hélio já era então um lutador aposentado; dedicava-se somente ao ensino de jiu-jitsu]. Meu irmão entendeu que não poderia fugir de uma luta contra um ex-aluno. Não se tratava de vencer, e sim de dar provas de que um Gracie não foge a qualquer desafio. Hélio quis demonstrar que a covardia é um estado de espírito que jamais transpôs as portas de nossa academia. (Fonte: Revista Gracie Magazine, edição 51, abril de 2001, pg 37; itálicos meus.)

Foi o próprio Carlos quem sugeriu o nome de João Alberto Barreto, instrutor da academia Gracie na Rio Branco, para a revanche contra Santana. Contudo, Barreto sabia que a tarefa não era propriamente sua, não porque lhe faltasse qualificação, mas porque estavam em jogo o nome e a honra dos Gracie: “Não tinha cabimento eu lutar contra o Valdemar. Era um assunto que alguém da família teria que resolver. Mas só de o Carlos sugerir o meu nome, o Carlson passou a treinar”¹¹. Chegava, enfim, a hora de alguém assumir o posto de Hélio como o “primeiro homem” da família Gracie.

Carlson lutou cinco vezes com Valdemar Santana. Ganhou uma, empatou as outras quatro, nas quais alega haver levado certa vantagem, não obstante o resultado oficial. Apenas cinco meses depois da derrota de Hélio, o primeiro confronto; travado nas regras do jiu-jitsu, terminou sem vencedores. “Se perco, a família Gracie tinha acabado”¹². Carlson só venceria o rival no ano seguinte, num vale-tudo de trinta e nove minutos. Relembrando a luta, diz que “Ele [Santana] perdeu porque não conseguiu voltar mais, já tava massacrado, com a cara enorme,

¹⁰ Fonte: Revista Gracie Magazine, edição 100, março de 2006, pg 52.

¹¹ Fonte: Revista Gracie Magazine, edição 109, março de 2006, pg 36.

¹² Fonte: Revista Gracie Magazine, edição 109, março de 2006, pg 52.

sangrando por tudo quanto era lado, e o Carlos Renato, que era o segundo dele, jogou a toalha, porque senão ele ia morrer”¹³. Enfrentaram-se pela última vez em 1970, Carlson já aposentado. Novamente um vale-tudo. Novamente um empate.

Entretanto, Carlson fez mais do que carregar nos ombros, ou punhos, o cartaz dos Gracie durante as décadas de cinquenta e sessenta, e manter intocado o prestígio da arte marcial que desenvolveram. Percebendo a (ainda incipiente) popularização do jiu-jitsu como esporte, o que deixava em segundo plano as técnicas de defesa pessoal, Carlson passou a dar aulas em grupo – em termos metodológicos, quase uma heresia na família. Ensinava o que fosse necessário para competir, e vencer, de quimono. Conseguiu, com isso, difundir o jiu-jitsu esportivo e formar um time de atletas que dominaria as competições de jiu-jitsu por cerca de duas décadas. Talvez não contasse com a aprovação de seu tio Hélio, pois este, nas palavras de João Alberto Barreto,

...sempre encarou o jiu-jitsu como uma ideologia, a luta de o fraco vencer ou pelo menos não perder do forte. (...) Por isso, ele exigia o cumprimento de um sistema completo, no qual a pessoa tinha que se defender, derrubar – ou ser derrubada, e, nesse caso, raspar – passar a guarda, montar e finalizar. Já o Carlson, não. Para ele, o jiu-jitsu era um jogo. O importante era vencer. Se o aluno então for pior em pé que o adversário, puxa para o chão e vence da guarda. Dane-se o sistema.¹⁴ (Fonte: Revista Gracie Magazine, edição 109, março de 2006, pg 44.)

De qualquer forma, foi nos tatames da academia Carlson Gracie que o jiu-jitsu esportivo começou a ganhar as feições que conserva até hoje. Mas a saga dos Gracie não acaba em Carlson. Rolls, tido como imbatível em lutas de quimono no final dos anos setenta, poderia ter se firmado definitivamente como o melhor da família, não fosse a morte prematura em junho de 1982. Nos anos noventa, Royce fez história ao sagrar-se campeão das três primeiras edições do *Ultimate Fighting Championship* nos EUA, torneio que deu projeção internacional ao vale-tudo em geral e ao jiu-jitsu brasileiro em particular. Rickson, apontado de forma quase unânime como o mais técnico lutador de jiu-jitsu que já houve, amealhou fama e

¹³ Fonte: Revista Gracie Magazine, edição 109, março de 2006, pg 54.

¹⁴ O leitor não tem a obrigação de conhecer os termos técnicos do jiu-jitsu; portanto, cabe explicá-los brevemente. “Raspar” é o movimento de inverter o posicionamento dos lutadores: o que está por baixo “vira o jogo”, passando a ficar por cima. “Passar a guarda” consiste em livrar-se das pernas do oponente, para na sequência imobilizá-lo lateralmente. “Montar” é o ato de sentar sobre o peito do adversário, em geral apoiando-se os dois joelhos no chão, posição que é extremamente vantajosa. “Finalizar” é encaixar um golpe de modo a fazer com que o adversário não tenha outra opção a não ser sinalizar a desistência (a finalização encerra a luta). Explicarei detalhadamente a dinâmica de uma luta de jiu-jitsu, e seu sistema de pontuação, mais adiante.

fortuna em eventos de vale-tudo no Japão, onde é reverenciado como um mito das artes marciais. (Ryan, mais novo, ganhou as páginas dos jornais em função das brigas de rua em que amiúde se envolvia no Rio de Janeiro; posteriormente, foi lutar vale-tudo no exterior.) E há também Royler, Renzo, Roger – a lista é extensa.

Mas todos estes nomes, e as histórias que evocam, dizem respeito ao segundo e radicalmente distinto momento do jiu-jitsu brasileiro, marcado pela acirramento da rivalidade entre academias nos campeonatos e pela ascensão do vale-tudo à condição de esporte altamente lucrativo, com eventos ganhando escala e projeção em todos os continentes. Convém abordar tudo isso em uma nova seção.

Antes, porém, uma última observação.

Ao leitor certamente não haverá passado despercebido o fato de que, até aqui, a maior parte de minha pesquisa esteve fundamentada numa única fonte, qual seja a revista editada pela família Gracie. Fonte esta que opera não apenas como um suporte da memória da família Gracie – ou um “lugar de memória”, para tomar emprestado o conceito de Pierre Nora (1993) –, mas concorre também na construção de uma aura mitológica em torno de sua história e feitos. O tom autocongratatório é evidente; as páginas recheadas de elogios, que inúmeras vezes beiram o ufanismo ingênuo¹⁵, não escondem a intenção de cristalizar uma imagem positiva dos lutadores Gracie e da arte marcial que criaram.

Justamente por isso a opção: queria apreender o discurso dos Gracie, ou seja, saber o quê e como os criadores e difusores do jiu-jitsu falam publicamente sobre si e sua técnica de luta. Mais: interessava-me o *uso* que os Gracie fizeram de sua própria história, a maneira através da qual se apropriaram dos acontecimentos de sua biografia. Com efeito, as questões que importam verificar

remetem menos ao conhecimento do verdadeiro do que ao do verossímil. Explico-me: um fato pode não ter acontecido, contrário às alegações de um cronista. Mas o fato de ele ter podido afirmá-lo, de ter podido contar com a sua aceitação pelo público contemporâneo, é pelo menos tão revelador quanto a simples ocorrência de um evento, a qual, finalmente, deve-se ao acaso. A recepção dos enunciados é mais reveladora para a história das ideologias do que sua produção; e, quando um

¹⁵ Seria desnecessário apresentar uma lista de exemplos que o comprovam. Basta apenas um: “A ciência do esporte ainda engatinhava. Mas Hélio Gracie, um desses fenômenos que, como Da Vinci e Einstein, viveu em um tempo anterior ao que lhe conviria, já lutava por horas”. (Fonte: Revista Gracie Magazine, edição 50, março de 2001, p.28.)

autor comete um engano ou mente, seu texto não é menos significativo do que quando diz a verdade; o que importa é que o texto possa ser recebido pelos contemporâneos, ou que seu produtor tenha acreditado nele. Nessa perspectiva, a noção de “falso” é não-pertinente. (Todorov, 2003 pp.74-5; grifo meu)

Neste primeiro momento, era importante compreender o estabelecimento da idéia de superioridade do jiu-jitsu e do *ethos* guerreiro (Elias, 1994)¹⁶ a ela associado. É sem dúvida bastante significativo que o primeiro anúncio ou propaganda de uma academia Gracie tenha sido um desafio aberto – “Se você quer ter um braço ou uma costela quebrada, ligue para Carlos Gracie...” –, e não um convite ao aprendizado de uma técnica de auto-defesa, algo como “Se você não quer ter um braço ou uma costela quebrada, ligue...” Havia, como bem resumiu Reyla, filha de Carlos, a necessidade de “firmar uma supremacia e formar uma identidade”. A ordem dos fatores aqui me parece apropriada: a afirmação (e confirmação) da superioridade do jiu-jitsu em relação a todas as outras artes marciais teve um papel fundamental na formação da identidade não apenas dos lutadores da família Gracie, mas sobretudo da atmosfera de suas academias e aulas. E a afirmação desta superioridade só poderia ser feita, literalmente, na porrada.

Nos muitos depoimentos publicados na revista Gracie Magazine, fica bastante evidente que o *brazilian* jiu-jitsu nasceu com uma obsessão: provar-se a arte marcial que permite ao fraco vencer o forte; a técnica que, de modo espetacularmente mais eficaz que qualquer outra, não só anula a força do adversário como tira proveito dela para liquidá-lo. Tal necessidade de se fazer reconhecer como uma técnica imbatível de defesa pessoal forneceu os subsídios necessários à disseminação, no interior das academias Gracie e mesmo em seus ambientes familiares, de uma atmosfera permeada por valores ligados à virilidade e à disposição para a luta. A obsessão de se provar superior favoreceu a criação de um *ethos* guerreiro, pois era sempre preciso estar pronto para brigar contra qualquer adversário, em qualquer situação. Toda a idéia de honra dos Gracie está atravessada por esta obsessão – e eles não hesitaram uma única vez em colocar-se

¹⁶ Em “O Processo Civilizador”, Elias emprega o conceito de *ethos* guerreiro para dar conta do conjunto de disposições (psicológicas e sociais) que favorecia ou mesmo estimulava, entre a nobreza européia da Idade Média, um comportamento orientado pela *expertise* nas artes da guerra. Nessa perspectiva, a inclinação para o confronto corporal violento era antes uma virtude cultivada, um traço distintivo, do que uma necessidade puramente instrumental. É sobretudo a este aspecto – o manejo da violência como virtude, que confere distinção – ao qual estarei me referindo ao utilizar aqui o conceito de *ethos* guerreiro.

à prova para defendê-la. Não é difícil perceber aí um sistema que se retroalimenta: a necessidade de provar superioridade fomenta um *ethos* guerreiro, que se converte em uma prática de luta que consagra a eficácia da técnica, técnica esta que só pode se manter consagrada através de mais lutas, que por sua vez exigem a manutenção constante de um *ethos* guerreiro.

2.2

Sem quimono, com quimono, sem quimono: a transformação do jiu-jitsu

Nos anos oitenta, ao matricular-se na academia Gracie do Humaitá o aluno recebia de presente um exemplar do livro “Hélio Gracie, um super-homem brasileiro”. Na capa, por sobre tons avermelhados, uma foto do mestre Hélio. Dentro, histórias de luta e heroísmo. Hélio Gracie, contava um capítulo do livro, havia desafiado até um mar infestado de tubarões para salvar a vida de um homem.

Nos tatames da Gracie Humaitá, além de golpes, imobilizações, estrangulamentos e torções, ensinava-se que um homem deveria sempre olhar os outros nos olhos, e que o cotovelo era o osso mais duro do corpo, o mais apropriado portanto para machucar um oponente em caso de briga. Ensinava-se também os princípios básicos da dieta Gracie, e havia sempre uma pilha de folhetos instrutivos prontos a serem distribuídos, caso o aluno demonstrasse algum interesse. A metodologia de ensino aplicada ainda era aquela desenvolvida por Hélio: aulas particulares de meia-hora, ministradas por seu filho Rolker, nas quais aprendia-se a dar quedas (sendo a “baiana”¹⁷ a mais utilizada), a sair de gravatas e puxões de gola de camisa, e, é claro, a imobilizar e finalizar um adversário no chão. No conjunto, as aulas formavam um programa completo de defesa pessoal.¹⁸

¹⁷ A “Baiana” consiste num movimento rápido de queda, no qual agarra-se, com as duas mãos, a parte de trás dos joelhos do oponente, jogando-lhe as pernas para cima e para o lado ao mesmo tempo, fazendo com que caia de costas no chão.

¹⁸ Por motivos que escapam à minha memória, deixei de freqüentar a academia Gracie do Humaitá ainda na faixa-branca. Depois fui aprender judô e, na seqüência, caratê. Em vão: ambos não me interessaram por muito tempo, e acabei voltando aos tatames de jiu-jitsu.

Ao reencontrar os tatames de jiu-jitsu (mas em outra academia) alguns anos mais tarde, deparei-me com uma rotina de treinamento totalmente distinta. As aulas, em grupo, duravam duas horas, e praticamente toda a primeira metade era dedicada a extenuantes exercícios físicos. Corrida em volta do tatame, alongamentos, polichinelos, agachamentos – e a pior parte, sessões de abdominais intercaladas com séries de flexões de braço.

“Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove..”, contava um aluno.

“Dez!”, gritavam todos juntos.

“Onze, doze...”

E era sempre assim, até completarem-se setecentas, oitocentas ou mesmo mil abdominais, dependendo do humor do professor. A cada centena cumprida, dez ou vinte flexões de braços, ou ainda “mergulhos”, que é uma espécie de flexão de braço, apenas mais exigente. O tipo de abdominal variava – com os pés rente ao chão, subindo e descendo o quadril, abrindo e fechando as pernas, agarrando os joelhos... –; o que não variava nunca, porém, era a disposição do professor em fiscalizar o cumprimento do exercício por todos os alunos. Quem fosse surpreendido cabulando abdominal ou flexão de braço geralmente era punido com uma “chicotada” de faixa ou vara de madeira. E quando percebia que o cansaço começava a nos vencer a todos, não raro o professor se exaltava:

“O que vocês são?”

“Guerreiros!”, respondíamos num berro uníssono.

“Mais alto, porra!”

“Guerreeeroos!”

“Quatrocentos e vinte e um, quatrocentos e vinte e dois...”

Terminado o alongamento e o condicionamento físico, tinha início a parte técnica. O professor requisitava o auxílio de um aluno, quase sempre entre os mais graduados, e colocava-se no centro do tatame. Exigia atenção aos detalhes e silêncio absoluto. Ensinava uma “posição” demonstrando-a no corpo do aluno:

“Segura a manga do quimono dele, a outra mão vai na gola, mas firme no peito, que é para o adversário não vir pra cima; aí fica em pé, solta a mão da gola, agarra as duas pernas por baixo, uma mão na calça do quimono dele e a outra no fundo da gola, escolhe um lado, joga as pernas e passa a guarda amassando o gogó dele. Estabilizou a imobilização, três pontos.”

Toda aula aprendíamos uma posição ou golpe novos, e toda aula éramos lembrados de que “passagem de guarda” valia três pontos, “joelho na barriga”, três pontos, “pegada pelas costas”, quatro pontos, “montada”, quatro pontos, “raspagem”, dois pontos. Também não nos deixavam esquecer as datas dos campeonatos estadual e brasileiro de jiu-jitsu, e que as lutas na faixa azul duravam cinco minutos. Em suma, estávamos sendo treinados para ser atletas de jiu-jitsu, para competir de quimono.

E treinar era o que mais se fazia na academia. Após o aquecimento e a prática da posição ensinada no dia, chegava a hora do treino propriamente dito. O professor “casava” as duplas, isto é, escolhia quem ia lutar contra quem. Em geral, eram quatro duplas lutando ao mesmo tempo no tatame, por cinco ou seis minutos; o exíguo espaço não permitia mais do que isso. Ao todo, cada aluno treinava quatro ou cinco vezes por aula. Às vezes, o professor anunciava “hoje nós vamos fazer um ‘intervalinho’”, que era a prática de treinos contínuos, sem descanso ou pausa: tão logo acabava um treino iniciava-se outro, até o corpo não responder mais ou o professor achar que todos estavam suficientemente exaustos.

“O que vocês são?”

“Guerreiros!”

E então estávamos liberados para beber um pouco de água.

Sem dúvida, a vasta maioria de nossos treinos era de quimono, voltado para competição. Mas acontecia, ainda que com frequência incerta, de termos aula de defesa pessoal, ou melhor, de ataque pessoal. Nestas ocasiões, tirávamos a parte de cima do quimono, o “paletó”, restando somente a calça; alguns ficavam só de sunga. Eram três os tipos de treinamento: “taparia”, “bloqueio” e “baile funk”. A “taparia” era uma espécie de “vale-quase-tudo” onde só era permitido atingir o oponente com a mão aberta. Soco, cotovelada, chute, cabeçada, joelhada, nada disso valia, mas você tinha permissão para reunir o máximo de suas forças e explodir um sonoro tapa na cara de seu adversário. Podia não machucar tanto quanto um golpe de mão fechada, mas com certeza era igualmente desmoralizante. As contusões, quando haviam, não preocupavam. Não me lembro de ninguém saindo seriamente machucado desses treinos. Bem mais freqüente, no entanto, era ver alunos terminando as aulas visivelmente chateados com o fato de haverem apanhado na cara; vez por outra, via-se alguém com os olhos cheio d’água, tentando a todo custo segurar o choro.

Tinha “taparia”, não era sempre, mas tinha. E tinha também, não sei se você conhece, um negócio chamado “bloqueio”. Tipo, era um cara com luva de boxe, e você tinha que derrubar o cara e tal. O cara de luva de boxe podia comer na porrada, vai enfiando a porrada até o outro botar pra baixo. Botou pra baixo, pára, levanta. É um treino pra você pegar o tempo de entrar na “baiana”, de agarrar e levar pro chão. (Eduardo, 30 anos, ex-praticante de jiu-jitsu.)

Já o “baile funk” era similar a uma “taparia”, só que envolvendo mais pessoas. Tinha este nome porque simulava uma pancadaria entre “galeras”: o professor colocava metade dos alunos de um lado, metade do outro, e a briga começava.

No meu entender, hoje é bastante claro que práticas como a “taparia”, o “bloqueio” e o “baile funk” eram menos um tipo de treinamento (no sentido de aperfeiçoamento técnico) do que um ritual de masculinização. Afinal, ali estavam adolescentes experimentando situações de confronto corporal em um ambiente onde o significado da masculinidade – o “ser homem” – encontra-se inextricavelmente atrelado à idéia de gerir o próprio medo, encarar a briga, superar a dor que a acompanha e, se possível, vencer a ambas. Poder-se-ia entender a “taparia” como um rito de passagem no sentido que lhe dá Victor Turner (1974), mas isso exigiria algumas ressalvas, entre elas a de que as três fases que constituem o rito de passagem (separação, liminaridade e agregação) não estariam assim tão claramente delineadas. Nesse registro, é possível entendê-las não como um rito de passagem *per se*, mas como parte integrante de um rito de passagem mais amplo e abrangente, qual seja, a formação da identidade masculina.

Volta e meia tinha “taparia”, mas isso era mais raro, pelo menos aonde eu treinava. Tinha alguns tipos de “taparia”. Às vezes era um contra um, nego tirava o quimono, um contra o outro, e a galera botando pilha em volta. E às vezes era generalizado, todo mundo sem quimono e todo mundo dando porrada em todo mundo, tapa na cara, aí juntava neguinho, tapa na cara. Isso aí eu acho que é nego querendo fazer o outro virar macho. É, tipo assim, dando porrada você aprendia a apanhar, aprendia a se virar e a sair de situações mais difíceis. Mas, normalmente, a “taparia” era sinistra. Tomava cada bordoadá, meu amigo... (Bruno, 29 anos, ex-praticante de jiu-jitsu.)

Por outro lado, seria exagerado ver no conjunto de tais práticas uma *iniciação*, pois esta, na definição de Mircea Eliade, “equivale a uma mudança

básica na condição existencial; o principiante emerge de sua provação investido de um ser totalmente diferente daquele que possuía antes da iniciação; ele terá se tornado outro” (*apud* Thompson, 1991: 36; tradução minha¹⁹). Talvez fosse melhor então considerá-las como uma das muitas “pseudo-iniciações” da masculinidade em sociedades ocidentais contemporâneas (Moore e Gillette, 1992) – as outras seriam, por exemplo, o serviço militar, a iniciação sexual com uma prostituta e os frequentemente violentos rituais de batismo de novos integrantes de gangues urbanas, nos quais o abuso de álcool e drogas é recorrente.

But these pseudo-initiations will not produce men, because real men are not wantonly violent or hostile. Boy psychology is charged with the struggle for dominance of others, in some form or another. And it is often caught up in the wounding of self, as well as others. It is sadomasochistic. Man psychology is always the opposite. It is nurturing and generative, not wounding and destructive (Moore e Gillette, 1992: 45)

De qualquer maneira, é certo que a “taparia” ajudava não apenas na construção do homem através da agressividade, mas também na fabricação de uma idéia de masculinidade mensurada pela capacidade de vencer, de triunfar sobre o oponente (Brittan, 1989). Um faixa-preta de vinte e oito anos, hoje instrutor de jiu-jitsu, recorda-se daquelas ocasiões:

Pois é, “taparia” rolava, rolava também de um cara ficar com luva de boxe e enfiar a porrada, o cara de luva só podia bater e o outro só podia se defender, tinha que finalizar. E “baile funk”, o pau comia, porrada de mulão [muitas pessoas] contra mulão. Cheguei em casa uma vez com o olho desse tamanho, não contei pra minha mãe nem nada, disse que tinha sido jogando bola. Porra, eu voltei pra casa várias vezes chorando... Mas no dia seguinte a piranha tava lá, apanhando de novo. (André, 29 anos, faixa preta e professor de jiu-jitsu.)

Começamos assim a vislumbrar a atmosfera no interior de uma academia de jiu-jitsu no início dos anos noventa. Mas há outros dados que merecem atenção. Ao treinamento sempre exaustivo e às vezes brutalizante somava-se uma informalidade incomum no mundo das artes marciais. Em geral, o ensino e prática de uma arte marcial são caracterizados por uma dimensão que se poderia chamar ritualística. No início e no final de toda aula de caratê, os alunos devem ficar de pé

¹⁹ No original: “Initiation is equivalent to a basic change in existential condition; the novice emerges from his ordeal endowed with a totally different being from which he possessed before his initiation; he has become another”.

e, juntos, revenciarem o mestre; ao entrar e sair de um dojô de judô, um aluno deverá reverenciar Jigoro Kano (haverá seguramente uma foto ou pôster pendurado na parede); e assim por diante. O treino de jiu-jitsu, ao contrário, era (e ainda é, como veremos) atravessado por regras e obrigações rituais mínimas. Não havia, uma separação hierárquica tão fortemente delimitada entre alunos e mestre, tampouco a exigência de reverenciá-lo ritualmente. E, mais importante, não havia uma “filosofia” por trás do jiu-jitsu.

Eu acho que faltou.. A maioria das artes marciais vem com uma rigidez de ensino grande. Cheio de respeito, de uma filosofia. O jiu-jitsu, não, o jiu-jitsu não tem nada disso. Você entra no tatame e não tem cumprimento, o que é uma coisa bacana até, entre aspas, porque tem muito a ver com o Rio de Janeiro, é uma coisa muito informal. Tem muito professor de jiu-jitsu por aí que os alunos mandam tomar no cu, dão tapa na cabeça, quer dizer, não respeitam o cara. Jogavam brigadeiro na cabeça dele. Faltou uma cumplicidade entre mestre e aluno. De repente, se não fosse isso, não tinha rolado toda essa onda de briga. Porra, o que eu já escutei de coisa, professor que “apagava” aluno só de sacanagem... O professor chegava e dizia “vem cá, vou te mostrar uma posição”, aí pegava, apertava o pescoço do aluno e “apagava” ele. (Marcos, 31 anos, ex-praticante de jiu-jitsu.)

Nesse ponto, devo confessar minha surpresa. Não com o que foi narrado pelos entrevistados – o que se passava no interior de uma academia de jiu-jitsu naquela época, já o sabia por experiência própria –, mas sim pelo fato de eles o terem feito de forma tão sincera, despudorada. Esperava ouvir depoimentos mais “corporativistas”, pois tratavam-se de pessoas com um longo histórico de relacionamento com o jiu-jitsu. Felizmente, não foi o que ocorreu:

Você vê o judô, que é uma coisa mais rigorosa. Você cumprimenta o juiz, o adversário, o dojô, você pode perder a luta, pode estar puto, mas quando sai do dojô, tem que cumprimentar todo mundo de novo. No jiu-jitsu é aquela bagunça, aquela zona, e tal tal tal, e acho que isso foi muito porque rolou uma prostituição da faixa preta. Claro, quando você começa a distribuir faixa preta pra qualquer um, porque ganhou meia dúzia de campeonato, esse cara pode até ter técnica boa, mas ele não tem ainda uma cabeça boa. Na minha visão, ele não pode receber ainda essa autoridade, esse poder, de dar aula e ser exemplo pra outras pessoas. Por isso vários saíam brigando. O Rickson [Gracie] que é o Rickson brigou várias vezes na rua, mas ele brigava com o Hugo Duarte [da luta-livre], era uma rivalidade... E era uma coisa meio de marketing, brigavam na rua pra depois marcar um vale-tudo, que ainda tava todo mundo no começo, tinha um teste entre as artes marciais. Então eu acho que faltou naquela época uma federação por trás aí, pra coordenar quem poderia ter a faixa-preta, pra penalizar os que fizessem alguma coisa, que queimassem o nome. Tinha que ter alguma legislação. “Você é faixa preta e brigou na rua? Dá aqui a faixa-preta. Você não tem mais licença pra dar aula no Rio de Janeiro”. E aí beleza, o cara vai pensar duas vezes antes de

brigar. Agora, o cara vive saindo na porrada na rua, fica famoso, vira ídolo, e vai ganhar mais aluno... Porra, por que ele não vai brigar? Claro que ele vai brigar. (Túlio, 34 anos, ex-praticante de jiu-jitsu.)

Merece atenção esta “prostituição da faixa preta” à qual se refere o entrevistado acima. Outros ex-praticantes de jiu-jitsu argumentaram algo semelhante, embora não exatamente nos mesmos termos: falavam de uma falta de rigor na hora de graduar um praticante com uma faixa preta²⁰. Nessa perspectiva, a “prostituição da faixa preta” ou a “ausência de rigor” em sua distribuição é absolutamente coerente com a “falta de uma filosofia” que, segundo os praticantes de jiu-jitsu, caracterizaria esta arte marcial. De um modo geral, o ensino do judô, do caratê e demais artes marciais se faz acompanhar não apenas de obrigações rituais que reforçam a observação do respeito e da hierarquia, mas também do ensino de uma “filosofia” de não agressão, de respeito ao próximo. A comparação é inevitável: como o jiu-jitsu não dispõe de semelhante pedagogia, diz-se que ele não “tem uma filosofia”. Ocorre que, se olhada com cuidado, esta ausência de filosofia revela-se na verdade uma filosofia em si mesma – ou melhor, a filosofia da eficiência. Ora, então não acabamos de ver, na história do estabelecimento do jiu-jitsu pelas mãos da família Gracie, na relação entre a necessidade de provar a superioridade da técnica e o *ethos* guerreiro que ela engendra, um sistema que alimenta a si próprio? Nada mais natural, portanto: uma arte marcial balizada pela obsessão pela eficiência só poderia ter como parâmetro para a graduação da faixa preta a própria eficiência. Retidão de caráter, maturidade emocional, nada disso é requisito fundamental quando se erige como valor maior a competência em subjugar fisicamente um adversário. Não haveria pois contradição alguma no fato de que o critério utilizado para a coroação de um lutador com a faixa-preta fosse o bom desempenho em campeonatos ou brigas de rua:

A: Você lutou jiu-jitsu durante quanto tempo?

Marcos: Fiz uns oito anos de jiu-jitsu.

A: Então você chegou até a faixa marrom ou preta?

²⁰ Veja-se, por exemplo, a fala de outro entrevistado: “A forma como devia ser ensinada devia ser rigoroso. Tinha que ter mais respeito, uma faixa preta só pode ser dada se a pessoa tem responsabilidade, não podia ser dada pra um cara que fica brigando na rua. A faixa preta deveria ser dada não só porque o cara é bom tecnicamente, mas quando o cara já ta pronto pra ser um professor, já aprendeu com a vida e tal. Às vezes eu vejo uns faixas pretas que não tem nada a ver com isso”. (Bruno, 29 anos, ex-praticante de jiu-jitsu.)

Marcos: Não, não. Fiquei na faixa azul. Eles queriam que eu lutasse campeonato, só que eu não queria lutar, não gostava. Como eu não lutava, eles não davam faixa, então foda-se. Tanto que agora, eu morei fora muito tempo, passei alguns anos fora. Cara, eu já tô a um tempão sem treinar, e de bobeira fui dar uns treinos numa academia com um professor que era até lá da Carlson [Gracie]. Aí ele me botou pra treinar com um faixa marrom, e eu fiz jogo duro com ele. Porra, com faixa marrom, fazendo jogo duro, sendo que eu não treino há anos... Faixa azul é que eu não sou.

Num tal ambiente, uma filosofia que incluísse o pacifismo e o respeito ao próximo seria contraprodutiva, prejudicial. Assim, parece ficar mais nítida a idéia de que práticas como “taparia”, “bloqueio” e “baile funk” eram elas próprias necessárias à reprodução da filosofia da eficiência que consagrara o jiu-jitsu. Pois sem a introjeção daquele *ethos* guerreiro, sem o aprendizado da disposição incessante em provar a própria superioridade – fatores fundamentais à eficiência demonstrada pela técnica Gracie em brigas de rua –, como poderia o jiu-jitsu manter seu principal traço distintivo, aquilo que o diferenciava das demais artes marciais e o colocava acima delas?

A: Você acha que os professores incentivavam os alunos a saírem na porrada?

Lucas: Ah, tinha umas estórias. Tinha professor, faixa-preta cascudão, que saía na night com os alunos dele e saía na porrada. Eu conheço um cara que treinava numa academia que o professor falava assim: “Quem aqui tomar trote no colégio vai entrar na porrada na academia. Se o cara for te dar trote, enfia a porrada no cara”. Então tipo assim, o cara ia tomar trote, vinha a galera e o cara já “armava” [faz o movimento de levantar os punhos]: “É tu que vai me dar trote? Vou enfiar a porrada!” Porque se chegasse na academia e o professor ficasse sabendo que o cara não tinha reagido, que tinha tomado o trote, o cara tinha um pavor animal que o professor ia bater nele. E batia mesmo, apagava ele, entendeu? Muito louco. Era melhor bater no cara do que apanhar do professor. Muito louco. Fiquei impressionado quando eu soube disso. (Eduardo, 30 anos, ex-praticante de jiu-jitsu.)

Claro, seria uma injustiça e uma incorreção de minha parte generalizar o argumento. Sem dúvida, havia academias e professores que incentivam tais comportamentos, e outros que o reprimiam ativamente. Não há como afirmar, com base em evidência empíricas, qual constituía a regra e qual a exceção. Mas, levando-se em conta tudo o que foi dito acerca da necessidade do *ethos* guerreiro para a consolidação de uma idéia de supremacia do jiu-jitsu como arte marcial, e observando-se a popularidade que o jiu-jitsu conquistou justamente por esta razão, pode-se suspeitar de que a regra dentro das academias, infelizmente, era antes o estímulo ao comportamento violento do que sua repressão. Ainda assim, não

deixo de registrar o depoimento de um entrevistado, narrando com orgulho a intervenção de seu professor numa confusão em que estava prester a se envolver:

O meu professor não deixava nego sair na porrada. Uma vez uma namorada minha me chifrou com um cara, e eu queria dar porrada no cara de qualquer jeito. Aí teve um desafio de lutas de jiu-jitsu, e o cara tava lá. Na saída da parada, eu vi o moleque lá. Eu queria enfiar a porrada nele, eu ia enfiar a porrada nele. Não tinha outra possibilidade. Tava eu e um camarada meu. E ele: “Pega o cara! Pega o cara!” Era o diabinho ali no meu ouvido. Na hora que eu cheguei, quando eu fui pra cima dele, sinto um braço me puxando. Quem era? Era o meu professor. “Que porra é essa Marcelo?” E eu: “Porra, aquele filho da puta ali, quero enfiar a porrada nele.” “Quer enfiar a porrada nele? Então vamos lá na academia pra gente conversar”. Aí chegou na academia e ele falou “só vou deixar você enfiar a porrada no cara se você enfiar a porrada antes no Caio”. Detalhe: o Caio era faixa marrom, e muito maior que eu. Mas eu tava tão puto que falei “beleza”. Aí botaram luva de boxe em mim, o Caio botou também, e aí nem pensei, parti pra cima. Tomei um cruzado, caí no chão, e ele começou a me enfiar a porrada. Montou em mim, me deu um soco e perguntou: “Tá bom, professor?” E o professor: “Marcelo, tu ainda quer dar porrada no cara?” E eu: “quero!”. Aí o professor falou “então pode bater mais um pouco nele, Caio”. Aí desisti. Acabei não saindo na porrada com o cara depois. (Lucas, 32 anos, ex-praticante de jiu-jitsu,)

O jiu-jitsu no mundo: vale-tudo e *submission grappling*

Foi nesta época, mais precisamente no início dos anos noventa, que o jiu-jitsu entrou na moda. Com o jiu-jitsu tornado febre, primeiro entre a juventude da zona sul carioca, depois nas principais capitais do país, os campeonatos cresceram e se multiplicaram, e, no rastro deles, toda uma indústria associada ao esporte. Marcas de roupas (as chamadas *fight wear*, como a “*Bad Boy*”), lojas de sucos (pioneiras na difusão do açaí, fruta da região norte cujo suco, servido quase como um sorvete, é bastante apreciado por lutadores devido ao seu valor calórico e nutritivo), fabricantes de quimonos e acessórios (protetores de orelha, de boca etc.), enfim, um novo e lucrativo nicho de mercado começou a ser explorado. A crescente premiação e visibilidade dos campeonatos aumentou também a rivalidade entre as academias. Para se ter uma idéia, um dos piores adjetivos que um lutador podia receber era “creonte”²¹, isto é, traidor, atleta que abandonava sua academia para treinar em uma rival. Nas competições, as torcidas se organizavam e se provocavam mutuamente, às vezes ao ponto de se enfrentarem

²¹ Pelo visto, alguém no mundo do jiu-jitsu deve haver lido a tragédia Édipo-Rei, de Sófocles.

com violência. Quem treinava, por exemplo, na Carlson Gracie, era considerado inimigo dentro da Barra Gracie e da Gracie Humaitá.

A grande novidade, no entanto, foi a explosão dos eventos de vale-tudo. De início, o jiu-jitsu teve na luta-livre seu maior adversário; posteriormente, lutou contra praticamente todas as artes marciais, em todos os continentes, e assim ganhou o mundo. Os confrontos de vale-tudo ajudaram a acirrar definitivamente a rixa com a luta-livre, arte marcial semelhante ao jiu-jitsu²², porém praticada sem quimono. Em 1984, um vale-tudo ocorrido no ginásio do Maracanãzinho lançou sombras sobre a suposta superioridade da técnica criada pelos Gracie. Fernando Pinduka, então um dos grandes nomes do jiu-jitsu, não passou de um empate contra seu adversário da luta-livre, e Renan Pitanguy foi nocauteado pelo rival Eugênio Tadeu. Uma reedição do desafio luta-livre x jiu-jitsu, um vale-tudo ocorrido em agosto de 1991 no ginásio do clube Grajaú, entretanto, voltou a colocar a balança favorável para o lado do jiu-jitsu. Três confrontos, três vitórias da “arte suave”. A rivalidade era tanta que Wallid Ismail, aluno de Carlson Gracie, chegou a arrancar os dentes da frente para a sua luta contra Eugênio Tadeu, da qual saiu vitorioso e consagrado.

A rixa só atingiu o seu auge quando Rickson Gracie derrotou o maior expoente da luta-livre, Hugo Duarte, numa briga travada na praia do Pepê, Barra da Tijuca.²³ Hugo revidou invadindo dias depois a academia Gracie, provocando uma pancadaria generalizada. É Wallid Ismail quem conta:

²² A luta-livre assemelha-se ao jiu-jitsu por ser uma modalidade também inteiramente voltada para a luta no solo. Contudo, pelo fato do treinamento ocorrer sem quimono, o repertório de golpes dos lutadores de luta-livre é mais limitado do que o dos praticantes de jiu-jitsu. Os lutadores de jiu-jitsu frequentemente acusam os da luta-livre de serem “grossos”, isto é, de se valerem de muita força e pouca técnica. Mas a rivalidade não se restringe a questões puramente técnicas. A luta-livre se desenvolveu na zona norte do Rio de Janeiro, e suas academias em geral cobravam preços bem mais módicos do que as academias de jiu-jitsu da zona sul da cidade. Hoje o jiu-jitsu espalhou-se até pelo interior do estado, e a distinção já não faz tanto sentido. Mas na década de 80 e no início da de 90, o elemento de diferenciação social era nítido na rixa entre as modalidades. Os praticantes de luta-livre, por exemplo, rotulavam os lutadores de jiu-jitsu de “playboys”, “filhinhos de papai” da zona sul e da Barra da Tijuca. Para uma abordagem mais detalhada deste tópico, ver o artigo “Economia da violência versus *ethos* guerreiro nas artes marciais no Rio de Janeiro”, de Carlos Aurélio Pimenta de Faria (s/d/p).

²³ O vídeo da briga encontra-se disponível em www.youtube.com/watch?v=yt35nJCP3Oc. Vale notar que a locução que acompanha o vídeo, feita por Rorion Gracie, o transforma numa peça de propaganda do Gracie jiu-jitsu: “*The man with a white* [não entendi a palavra exata, mas refere-se à roupa branca do lutador Hugo Duarte] *has been insulting the Gracie family. My brother [Rickson] slaps him on the face and challenges him on the spot. Though this footage is not very clear, it gives you a good idea what to expect in a real street fight. The purpose of any self-defense should be to prepare you to the unpredictable reality of the street. All martial arts are limited by rules, which give their practitioners a false sense of security. Out on the street, if you have to fight*

Eu era faixa-roxa, estava treinando na Carlson quando alguém chegou falando que os caras haviam invadido a academia Gracie. Chamei alguns faixas-pretas do Carlson e só o Clóvis foi comigo. Temos que reconhecer que o Hugo Duarte foi corajoso ao invadir a academia Gracie apenas uma semana depois de o Rickson tê-lo derrotado na praia do Pepê. Fiquei impressionado com a coragem do Hélio Gracie. Ele tinha quase 80 anos e liderou tudo. Depois o Royler [Gracie] e o Eugênio saíram na porrada e a polícia chegou atirando e todo mundo correu... Que época louca! Hoje, as pessoas não entendem o que rolava naquela época... Os caras da luta-livre dominavam as ruas do Rio. Eram os donos da cidade. (Fonte: Revista Tatame edição 131, janeiro de 2007, pg.35)

O Rio de Janeiro começou a ficar pequeno para o jiu-jitsu quando, em 1993, Rorion Gracie organizou o *Ultimate Fighting Championship* (UFC) nos EUA, evento de vale-tudo onde dezesseis lutadores de diferentes artes marciais se enfrentaram numa mesma noite, em combates disputados dentro de uma jaula de formato octagonal, sem regras²⁴, luvas, *rounds* ou limite de tempo. Cabeçadas, joelhadas, chutes no rosto do adversário deitado no chão, pisões na costela, dentes quebrados voando, supercílios abertos com apenas um soco, cotovelos estalando em chaves de braço, estrangulamentos – enfim, era o mais próximo que se conseguia chegar de uma briga de rua, só que dentro de um ringue, com transmissão pela TV e *replay* dos lances mais dramáticos.

Royce Gracie, o mais leve dentre todos os competidores, lutou três vezes naquela noite. Sagrou-se campeão sem exibir sequer um olho roxo. A decisão de escalar Royce, e não Rickson, que era indiscutivelmente o melhor e mais forte membro da família Gracie, partiu do próprio Rorion. Queria alguém que parecesse uma pessoa normal, de biótipo magro, e não um atleta de compleição física invejável, como era o caso de Rickson. Royce foi escolhido para lutar porque sua vitória representaria tudo aquilo que o Gracie jiu-jitsu sempre fez questão de

for your life, there are no referees and no rules applied. A street fight is not what you wanted to be or what you expected to be; it simply is. Fights like this occurred frequently in Brazil and it was in this kind of environment that the Gracie established itself as the most complete and effective source of instructional jiu-jitsu in the world. The best chance to win a fight against a bigger and stronger opponent is to close the distance and take him to the ground. While this appears to be a draw, it is important that you understand that my brother, with the colorful trunks, is reacting to the moment-to-moment reality of the fight and is maneuvering the opponent to his doom. The Gracie jiu-jitsu academy will prepare you to defend yourself where it really counts: out in the streets or, in this case, the beach in Rio. The Gracie brother, now mounted on the man who was claiming to be the champ, will punch him until he admits that jiu-jitsu still reigns". [O vídeo termina com Rickson montado em Hugo Duarte, esmurrando-o impiedosamente.]

²⁴ Havia, é claro, algumas proibições básicas: não era permitido morder o adversário, colocar dedos nos olhos ou aplicar golpes na região genital. Todo o resto era permitido, inclusive golpes na nuca, o que depois viria a ser proibido.

provar ou demonstrar – que era, de fato, a única arte marcial que permitia a Davi vencer Golias. Foi exatamente o que aconteceu. Royce venceu as três primeiras edições do UFC usando somente a técnica do jiu-jitsu. Praticamente sem ferir os adversários com golpes traumáticos, aplicava-lhes chaves de braço e estrangulamentos que rapidamente os faziam desistir de seguir lutando. E fazia tudo isso com as costas no chão, isto é, lutando “por baixo” do oponente, posição que, no mundo das artes marciais, foi desde sempre era considerada bastante desvantajosa.

A técnica associada ao sobrenome Gracie assombrou o mundo, e em pouco tempo o vale-tudo se tornou uma febre mundial, com eventos disputados mensalmente no Japão e na Europa. Mas a supremacia dos atletas do jiu-jitsu não durou muito. *Wrestlers* norte-americanos, então já familiarizados com a técnica Gracie, aprenderam a neutralizar os principais golpes do jiu-jitsu, e souberam tirar proveito de sua invejável condição física para impor um estilo de luta que ficaria conhecido como *ground and pound* (“derrubar e bater”). O reinado do *wrestlers*, contudo, também foi passageiro. Logo surgiram os *strikers*, atletas de boxe tailandês e boxe tradicional que, igualmente escolados nas principais artimanhas do jiu-jitsu e do *wrestling*, começaram a colecionar vitórias e títulos, com nocautes rápidos e espetaculares.

Atualmente, a separação entre *strikers* (“nocauteadores”, que preferem lutar em pé e vencer através de golpes traumáticos) e *grapplers* (“agarradores”, que derrotam seus adversários principalmente com técnicas de solo) não é mais tão evidente. Pois as competições são tão acirradas que o atleta que se quer de ponta, por mais que tenha predileção por um determinado estilo de luta, é obrigado a treinar todas as modalidades. Regras e lutadores modificaram-se como um todo. Hoje, o vale-tudo é chamado de *Mixed Martial Arts* ou MMA, até porque não “vale mais tudo”: há categorias separando os atletas por peso (o que torna as disputas mais justas), é obrigatório o uso de pequenas luvas para proteger as mãos, os combates são divididos em *rounds* e, em determinados eventos, como o UFC, certos expedientes são proibidos, como golpes traumáticos na nuca ou chutes no adversário quando este estiver no chão. Neste sentido, pode-se dizer que o MMA percorreu a mesma trajetória que o Boxe, isto é, foi gradualmente incorporando um conjunto de regras e dispositivos cujo principal objetivo estava não apenas em preservar a integridade física dos lutadores, mas sobretudo em

evitar ferir os olhos de sua audiência, cada vez mais dotada de sensibilidade em relação a violência²⁵ (Elias e Dunning, 1997).

O MMA transformou o ato de “sair na porrada” em um esporte, aliás altamente rentável. De acordo com o site *MMAWeekly*, em 2006 o UFC registrou o lucro recorde de mais de 200 milhões de dólares; apenas na edição 66, o UFC obteve 47,94 milhões de dólares de faturamento em *pay-per-view*, ultrapassando o boxe, cuja maior soma em *pay-per-view* ficou em 46,20 milhões de dólares, na luta entre De La Hoya e Mayorga. Além disso, “o MMA foi apontado como o esporte mais popular entre homens de 18 a 45 anos, passando a ser a nova menina dos olhos dos anunciantes norte-americanos” (Fonte: Revista Tatame, edição 131, janeiro de 2007, p.4). Recentemente, foi criada nos Estados Unidos a *International Fight League*, que congrega times de lutadores de MMA (“*Anacondas*”, “*Silverbacks*”, “*Razorclaws*”, “*Tiger Sharks*” etc., bem ao estilo dos times de futebol americano) que se enfrentam num calendário de lutas durante todo o ano. Há também um *reality show* na TV americana, o *The Ultimate Fighter*, cujo propósito é selecionar futuros lutadores para o UFC e acompanhar-lhes o treinamento. Mas tamanho sucesso não se dá exclusivamente na América do Norte: também na Europa e no Japão o MMA atrai público e patrocinadores de forma grandiosa, com eventos como o *Cage Rage* e o *Pride Fighting Championship*. As cifras astronômicas – um campeão do *Pride* chega a ganhar 400 mil dólares em apenas uma noite – não demoraram a despertar a cobiça dos lutadores brasileiros. Inúmeros campeões de jiu-jitsu ou de boxe tailandês abandonaram suas competições tradicionais em favor de um treinamento diversificado, visando uma melhor preparação para a carreira de lutador de MMA. Muitos vêm amealhando sucesso e fortuna: os “jiu-jiteiros” cariocas Rodrigo “Minotauro”, Paulão Filho e Ricardo Arona, para citar apenas alguns, ou os atletas da academia curitibana Chute Boxe, celeiro de campeões como Wanderley Silva e Maurício “Shogun”.²⁶ Há muitos outros ainda – Vitor “Shaolin” Ribeiro,

²⁵ Não se pode perder de vista, entretanto, que a sensibilidade do público em relação ao alto grau de violência e dramaticidade das lutas não foi o único fator a pesar na transformação do vale-tudo em MMA. Também interesses comerciais tiveram sua cota de influência aí. Para superar as restrições impostas por muitos estados da federação norte-americana e com isso ganhar escala nacional nos EUA – tornando-se assim um investimento economicamente atraente para empresas de *pay-per-view* –, o MMA teve que se adequar às exigências impostas pela Comissão Atlética de Nevada, entidade que controla os desportos de lutas naquele país.

²⁶ De passagem, fica aqui uma sugestão para pesquisa. Wanderley Silva manteve durante 6 anos o posto de melhor lutador de MMA do mundo na categoria até 93 quilos – no Japão, as lojas de

Alexandre Pequeno, Lyoto Machida, Vitor Belfort, Gesias Cavalcanti, Anderson Silva...

Por fim, cabe também ressaltar o crescimento dos eventos de *submission grappling*, nos quais não são permitidos golpes traumáticos. As lutas são realizadas sem quimonos, como em competições de luta-livre, e o objetivo é levar o adversário para o chão e finalizá-lo. O maior evento do gênero, o Abu-Dhabi Contest, realizado a cada dois anos, já é chamado de “a copa do mundo das lutas agarradas”, não apenas por distribuir uma expressiva quantia de dinheiro aos seus campeões, mas sobretudo por atrair a participação de atletas de modalidades tão diversas como *wrestling*, luta greco-romana, judô, sambo, luta-livre e, é claro, jiu-jitsu. Até aqui os praticantes do Gracie jiu-jitsu vêm dominando a competição; o último torneio Abu-Dhabi, realizado em maio nos Estados Unidos, terminou com lutadores brasileiros de jiu-jitsu no lugar mais alto do pódio em todas as categorias.

No desenvolvimento das competições de *submission grappling* estão as maiores esperanças de futuras medalhas olímpicas para atletas de jiu-jitsu. Em dezembro de 2006, o *submission grappling* tornou-se uma modalidade de luta reconhecida pela *Fédération Internationale des Lutttes Associées* (FILA), entidade que desde 1912 é responsável pelas lutas olímpicas. Mirando a aprovação do Comitê Olímpico Internacional, a FILA já está trabalhando no sentido de encaixar os eventos de *submission* nos padrões internacionais de segurança desportiva, o que prevê a realização de exames anti-doping e a padronização universal das regras dos combates. Segundo Raphael Martinetti, presidente da FILA, a expectativa é que o *submission grappling* seja incluído nos jogos olímpicos de 2016 (Fonte: Revista Gracie Magazine, edição 119, janeiro de 2007, pg. 49). O crescimento dos eventos de “jiu-jitsu sem quimono”, e a projeção internacional

brinquedo vendem um boneco de miniatura Wanderley Silva, e seu rosto estampa uma série de cartões de crédito Mastercard. Rodrigo “Minotauro”, campeão mundial de MMA em 2001 e 2003, é igualmente idolatrado no Japão: já foi modelo para uma história em quadrinho, personagem de um videogame de lutas e ator em um seriado de humor na TV japonesa. Além disso, Wanderley e “Minotauro”, assim como outros respeitados lutadores brasileiros, recebem fortunas para ministrar seminários na Europa e nos Estados Unidos. São, para resumir, lendas reconhecidas de um esporte que vem merecendo a atenção da grande mídia no mundo todo – exceto no Brasil. Chama a atenção o completo descaso dos meios de comunicação brasileiros para com o sucesso dos nossos atletas de MMA. Penso que, por comparação, o exame mais detalhado deste assunto permitiria visualizar os mecanismos através dos quais a grande mídia faz suas escolhas sobre quem deve ou não ser alçado à categoria de ídolo do esporte nacional.

que o esporte vem ganhando²⁷, afeta diretamente o treinamento e as ambições dos atletas de jiu-jitsu. Nas revistas especializadas, fala-se já numa certa decadência das competições de quimono, o que aponta para o fato de os melhores atletas de jiu-jitsu estarem se dedicando exclusivamente ao MMA ou ao *submission*. Não sem razão: em janeiro de 2007, um desafio de lutas casadas entre alguns dos maiores nomes atuais do jiu-jitsu, organizado através da votação de internautas, não chegou a encher as pequenas arquibancadas armadas na casa de shows Ribalta (Barra da Tijuca), e mereceu somente duas páginas de cobertura jornalística na revista Tatame; já a etapa brasileira de seleção para o Abu-Dhabi Contest 2007, realizada poucos dias após o evento na Barra, lotou as arquibancadas do ginásio do Botafogo, e recebeu cinco páginas na mesma edição da revista Tatame. Estive presente em ambos os eventos. A diferença de público era visível.

Em suma, nos últimos anos o jiu-jitsu vem sendo cada vez mais “aplicado” em competições outras, como as de MMA e *submission grappling*. O que não deixa de configurar algo como um “retorno as origens”, dado que tal fato remete à usabilidade que o jiu-jitsu tem fora do tatame, isto é, no ringue ou na rua – e, como vimos, foram estes usos da técnica que marcaram os tempos iniciais do jiu-jitsu brasileiro, com Carlos e Hélio Gracie. Sem quimono, com quimono, sem quimono: uma vez concluída esta breve história da transformação do jiu-jitsu, podemos enfim adentrar o corpo do relato etnográfico. Em setembro de 2006, decidi matricular-me na mesma academia em que havia praticado jiu-jitsu na adolescência. Voltei a usar a faixa branca.

²⁷ Apenas a título de registro: pela primeira vez, o campeonato mundial de jiu-jitsu será realizado fora do Brasil. O campeonato, cuja primeira edição foi em 1996, é organizado pela Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu, entidade presidida por Carlos Gracie Júnior. Em 2007, será sediado na Califórnia.

2.3

Corpo, masculinidade, virilidade e pertencimento numa academia de jiu-jitsu

O Mestre e o Professor

Passava da hora do almoço quando cheguei à academia. Esperava encontrar o tradicional ambiente de luta, atletas suando debaixo de grossos quimonos, gritos de esforço em meio a treinos ou flexões de braço. Mas o lugar estava vazio, e as luzes, apagadas. Somente uma recepcionista entediada e um aparelho de televisão ligado davam vida ao ambiente. Pergunto as informações de praxe – preço, horário das aulas, professores. Num gesto automático, a moça me estende um folheto com as informações. A mensalidade custa R\$ 175,00, mas o aluno tem a opção de comprar pacotes promocionais. Se escolher o de três meses, pagará R\$ 160,00; caso opte pelo de seis meses, cada mensalidade sairá por R\$ 150,00, pagos adiantados em cheques pré-datados. Seja como for, uma vez que o aluno desembolsa a quantia, pode treinar em qualquer horário, e quantas vezes quiser no mesmo dia. No folheto sou igualmente informado dos horários dos treinos – sete, dez, dezesseis, vinte horas, e um treino livre todo sábado às dez horas – e que há também uma taxa de matrícula, de R\$ 120,00. Agradeço a atenção e despeço-me.

No caminho de volta, penso na possibilidade de ter que comprar um quimono novo (que, dependendo do modelo, pode chegar a custar cerca de R\$ 250,00); o antigo, guardado de qualquer jeito num saco debaixo da cama, estava rasgado e mofado. Penso também na necessidade de comprar uma mochila grande para acomodar quimono, toalha, livros e demais apetrechos cotidianos de trabalho. Então me ponho a fazer contas. A dor, como se vê, começa antes do primeiro treino. Começa no bolso.

No dia seguinte, voltei no horário do treino da tarde. Ao reencontrar o Mestre, e externar a ele a vontade de retomar o treinamento de jiu-jitsu em sua academia, sou imediatamente recebido com sorriso e aprovação. O Mestre diz que, por coincidência, havia visto naquele mesmo dia uma foto antiga, da primeira turma da academia, na qual eu figurava. Pede-me que o acompanhe ao seu escritório, uma pequena sala ao lado da recepção, e vai logo tratando de mostrar, no computador, uma foto tosca, datada de 1992, de muitos adolescentes de

quimono – a maioria de braço cruzado, fazendo cara de malvado e pose de durão. “Vê se tu consegue se achar aí”, ordena. Aponto um garoto magrelo, o rosto imberbe, no canto esquerdo da foto: “Sou eu aqui”.

E passo a reconhecer os amigos que treinavam comigo, muitos dos quais não vejo há anos. Educadamente, o Mestre diz que, por ser aluno antigo, não precisaria pagar a matrícula. Diz ainda que, caso estivesse precisando, poderia conseguir um quimono novo com bom desconto. Agradeço a gentileza e, antes que pudesse completar com um “bom, então até amanhã”, sou surpreendido por um olhar enviesado: “Agora, caralho Antonio, que barba é essa?”

O Mestre é um tipo brincalhão, gosta de fazer graça com os outros. Sempre foi assim. Tem trinta e nove anos, e uma filha de seis, fruto de um casamento que já dura quatorze anos. Quando abriu sua academia, no início da década de 90, ainda não era faixa-preta. Não tem vergonha de assumir que está um pouco fora de forma – os tempos de competição ficaram para trás. Atualmente, é mais administrador do que lutador; poderia, se quisesse, colocar seus faixas-pretas para dar aulas, pelo menos no horário das sete da manhã. Mas faz questão de continuar dando aulas, não apenas no primeiro mas também no último horário (vinte horas), que é o mais exigente, repleto de atletas graduados e em nível de competição. Ainda treina assiduamente, e não é difícil vê-lo lutando contra um de seus faixas-pretas por mais de dez, quinze minutos ininterruptos. Experiente, sabe a hora de “explodir”, de fazer força, e a hora de respirar, de aguardar com paciência o desenrolar da movimentação de seu oponente.

O reencontro com o Professor foi um tanto surpreendente. Apesar de a diferença de idade entre nós ser de apenas alguns meses, não treinávamos juntos quando a academia abriu, no início dos anos noventa. Naquela época, havia o treino dos “adultos” (acima de quinze, dezesseis anos) e o dos “moleques” – e ele era tão baixinho e franzino, que se via obrigado a treinar entre as crianças. Pois bem: o outrora frágil e magricelo faixa-branca havia se transformado num atleta de porte físico avantajado, um faixa-preta de destaque, campeão brasileiro e mundial de jiu-jitsu. Os ombros largos, os músculos definidos, mas não inchados como os dos halterofilistas; embora seja visivelmente um sujeito forte, não pesa mais do que setenta e cinco quilos.

É o aluno mais antigo da academia. Inscreveu-se no dia mesmo da inauguração – “peguei um quimono de caratê emprestado e fui treinar”, recorda-

se. Hoje é o grande nome da academia. Mas apesar de reverenciado pelos alunos – e sobretudo pelo Mestre, que o ensinou tudo – por sua técnica, conserva a humildade e um jeitão algo tímido. Tem a fala mansa, embora exprima com firmeza a voz de comando durante as aulas. Ao contrário do Mestre, não costuma caçoar de quem quer que seja, exceto quando o assunto é futebol. Vascaínos são suas vítimas prediletas, como convém a um rubro-negro fanático. Vai a todos os jogos do Flamengo no Maracanã (tem o escudo do Clube tatuado na perna), celebra com cerveja as vitórias e com algum mau-humor as derrotas. Mas a paixão pelo futebol não o cega a ponto de prejudicar-lhe a rotina de treinamento. Trata-se, afinal, de um atleta no esplendor de sua forma física, que complementa os treinos diários de jiu-jitsu (notem o plural) com aulas de boxe tailandês e boxe tradicional, e, sob a orientação de um *personal trainer*, segue à risca um programa de condicionamento aeróbico que inclui natação, corrida e exercícios diversos de explosão muscular.

Tanto sacrifício tem uma explicação. O Professor vai estreiar em breve no vale-tudo, o que todavia não implica no abandono das competições de jiu-jitsu – “minha meta para este ano é ser campeão mundial de jiu-jitsu”, afirma. Quando perguntado sobre o porquê de iniciar carreira no MMA agora que está no auge de sua trajetória como lutador de jiu-jitsu, respondeu que foram dois os fatores que pesaram em sua decisão:

O primeiro foi o lance da academia, né? Como eu estou na linha de frente, resolvi botar a cara a tapa, ser um espelho, outros vem atrás depois. Tem o [cita o nome de um outro atleta da academia] que também tá começando agora. Pra divulgar mais a academia. E também... Tô competindo no jiu-jitsu há muito tempo, então eu acho que... é como o cara que pega onda. O cara tá todo dia pegando Pipeline, Pipeline [praia do Havá famosa por suas ondas grandes e tubulares], já manda todas as manobras, chega uma hora em que a adrenalina do cara já não incomoda mais, tem que procurar outros ares. Como é que ele faz isso? Pega onda de tow in, onda de 20 metros [Tow in é uma modalidade em que o surfista, usando uma prancha especial, é rebocado por um jet-ski, que o coloca dentro da onda. Com isso, ondas gigantes, até então tidas como impossíveis de serem surfadas, foram desbravadas]. Eu já entrei em muita competição, já não me dá tanta adrenalina. E a coisa mais perto do jiu-jitsu é o vale tudo. E é uma coisa boa pra carreira, além de dar adrenalina nova, eu divulgar a academia, pode ser uma carreira que me dê dinheiro. Não é porque eu goste de tomar soco na cara, mesmo porque eu não sei nem qual vai ser a minha reação na hora, se vou chegar lá, tomar um soco e vou recuar, ou se vou tomar um soco e vou esquecer o vale tudo e levar pro lado pessoal.

Não é preciso acompanhar a extenuante rotina do Professor para perceber o seu caráter eminentemente ascético. Antes de, digamos, maltratar os corpos dos seus adversários, primeiro ele maltrata o seu próprio, e isso em quase todos os dias da semana. Diversas vezes o vi chegar para dar aula ressentindo-se de cansaço e dores musculares; nestas ocasiões, invariavelmente ele anunciava que o treino seria “puxado”, que iria colocar a todos nós para suar de verdade. “Alguém tem que pagar”, dizia, balançando a cabeça de um lado para o outro. Este “alguém”, no caso, incluía a minha pessoa.

O treino das dezesseis horas

Como já foi dito, são vários os horários em que se pode treinar na academia. Cada horário, em função do tipo de aluno que o frequenta, tem um perfil diferente. Às sete horas da manhã treinam aqueles que trabalham o dia inteiro (adultos, portanto). Às dez também só há adultos, a maioria de graduação igual ou superior à faixa-roxa.²⁸ Às quatro da tarde, há uma mistura maior – garotos de quinze a vinte anos, faixas-branca e azul, e, vez por outra, alguns faixas-marrom e preta adultos. De noite, a maior parte dos alunos é de atletas graduados, que competem profissionalmente. Escolhi o treino da tarde não apenas em função da conveniência do horário, mas também porque me permitiria melhores oportunidades de luta. Explico-me. Treinar com alguém mais graduado obriga a melhorar o sistema defensivo: você passa sufoco, é finalizado diversas vezes, mas aos poucos vai aprendendo a evitar os golpes e posições do oponente. Já o treino com um aluno menos graduado serve para aumentar o repertório de ataques – sendo mais técnico que seu adversário, você tem condições de encaixar golpes e testar posições. No horário das dezesseis horas, achei que teria ambos os tipos de treinamento, o que seria não apenas produtivo tecnicamente, mas sobretudo reconfortante em termos corporais. Ninguém agüenta ser “amassado” todos os dias no tatame.

A quantidade de alunos às dezesseis horas flutua, nunca é exatamente estável. Mas há sempre os mais assíduos, aqueles que, como eu, preferem treinar

²⁸ A graduação de faixas no jiu-jitsu obedece à seguinte ordem: branca, azul, roxa, marrom, preta, vermelha (esta última sendo mais um atestado de experiência do que de técnica). Em geral, um aluno assíduo e razoavelmente talentoso leva entre sete e oito anos para graduar-se faixa-preta.

de tarde, e que só muito raramente, em ocasiões excepcionais, lutam em outro horário. A partir de agora, concentrarei o meu relato no convívio com alguns destes alunos assíduos, aqueles com os quais tive mais oportunidade de conversar e treinar.

Antonio, vinte anos, faixa-branca, cearense de nascença, morador da Penha, trabalha como garçom na zona sul. É casado com uma menina de dezessete anos, com quem tem uma filha pequena. Tentou ser jogador profissional de futebol no clube Marília, de São Paulo, mas não teve sorte. Não abandonou o futebol por completo, contudo: joga “pelada” no Aterro do Flamengo semana sim, outra também. Vez por outra aparece para treinar queixando-se de dores no joelho. Léo, dezesseis anos, faixa-azul, vascaíno inveterado; mora na zona sul, e no final do ano vai prestar vestibular para o curso de Direito. Deve gozar de um alto padrão de vida, a julgar pelos táxis que o deixam e o buscam diariamente na porta da academia. O Mestre costuma chamá-lo de “Princesa Léia” (personagem da trilogia *Star Wars*), ou então “Léia da cefaléia”, em referência à sua condição física quando começou a treinar na academia – era gordinho e desengonçado, mas perdeu quinze quilos com a prática diária de jiu-jitsu e hoje é um garoto forte, de músculos definidos. Sampaio (vulgo “Mussum”), quinze anos, faixa-azul, negro, morador da Cruzada São Sebastião, conjunto de habitações populares no Leblon. Tímido, fala muito baixo, quase sem mexer a boca. O jeito manso, no entanto, engana: é um exímio lutador de jiu-jitsu, e dedica-se também ao boxe tailandês. Pretende lutar vale-tudo quando alcançar a maioridade. Pedro, vinte e sete anos, faixa-roxa, aluno antigo, da primeira turma. É *chef* de cozinha, atualmente desempregado. Apelidaram-no de “trash” e “japonês-de-cara-inchada”, o que aliás não é totalmente descabido. Tem o olho puxado dos japoneses, e a cara sempre com jeito de quem acabou de acordar.

Classe social, cor, lugar de nascença – como se vê, são muitas as diferenças entre os alunos do treino da tarde. Contudo, há uma única grande semelhança entre eles. Quando perguntados sobre o porquê de haverem escolhido o jiu-jitsu, responderam todos “para aprender a me defender”. (Sampaio foi o único a acrescentar algo à resposta: disse que “costumava apanhar na creche”.) O depoimento do Professor, nesse aspecto, é paradigmático:

Já tinha feito judô e caratê, mas muito pequeno, uns seis anos, oito anos, mas não parei nesses dois mais de um mês. Não me interessou muito não. Quando eu entrei no jiu-jitsu eu nem fazia idéia do que era, como que era. E o que me fascinou foi a luta em si, de não ter contato de soco e chute, e sim de dominar o adversário. O cara mais leve conseguir dominar o cara muito mais pesado, muito mais forte, que nenhuma outra luta tem, não existe isso em nenhuma luta. Aí me interessou, porque eu era muito pequeno e comecei a dominar neguinho muito mais forte e mais pesado do que eu.

Tal motivação para começar a treinar jiu-jitsu não é exclusividade dos alunos pesquisados na academia onde treino. Em sua etnografia entre lutadores de jiu-jitsu, Cecchetto (2004, especialmente cap. 3) colheu depoimentos que apontavam nesta mesma direção, a da necessidade de auto-defesa. Mas há que se notar que, em tese, qualquer arte marcial ensina um indivíduo a se defender. No entanto, o fato de os alunos terem sido enfáticos quanto a este ponto indica uma particularidade: eles queriam não apenas aprender um meio de auto-defesa, mas aprender o que julgavam ser o mais eficiente dentre todos eles. Estavam, nesse sentido, aderindo ao discurso propalado pelos Gracie, pois acreditavam de antemão ser o jiu-jitsu a arte marcial mais eficiente para a defesa pessoal. Os motivos desta adesão *a priori* à idéia de superioridade do jiu-jitsu, se fossem investigados a fundo, justificariam a feitura de uma outra dissertação. Penso, entretanto, que um importante fator reside no sucesso dos lutadores de jiu-jitsu em eventos internacionais de Vale-Tudo. A transformação da porrada em esporte mundialmente conhecido e admirado, de início operada pelas mãos da família Gracie, pode ter servido como uma espécie de comprovação empírica da superioridade técnica do jiu-jitsu em confrontos violentos. Abrindo as portas para uma futura pesquisa, poder-se-ia perguntar: qual o impacto disso no imaginário dos adolescentes em vias de se decidir sobre qual arte marcial praticar? De que maneira o sucesso no Vale-Tudo afetou a auto-imagem dos lutadores de jiu-jitsu e, por extensão, a imagem que projetam sobre si próprios? Seria somente coincidência o fato de o jiu-jitsu começar a se tornar uma “febre” mais ou menos na mesma época em que Royce Gracie fez história no *Ultimate Fighting Championship*, logrando superar adversários muito mais fortes e pesados com surpreendente facilidade? Vejamos o que tem a dizer quem começou a lutar jiu-jitsu naquela época:

O jiu-jitsu começou... Olha, tinha o Rickson dando porrada em todo mundo lá nos Estados Unidos. Era assim: chamavam professor de judô, de caratê, essas merdas, pra cair na porrada com o Rickson, fechava a academia e deixava os caras se pegarem. O Rickson enfiava a porrada, mas enfiava a porrada mesmo, e o cara virava aluno dele. O Royce também, enfim, a família Gracie, num sei o quê, aparecia eles dando porrada em todo mundo, então tinha aquele papo, “o jiu-jitsu é foda”. E isso aí levou o nome do jiu-jitsu, e nego começou a praticar. Porra, pensa só, porque o cara vai praticar judô, caratê, essas merdas, se ele tá vendo na tv um magrinho do jiu-jitsu sentando a porrada em geral? Beleza. Aí o cara começa a praticar, fica mais auto-confiante e tal... E isso foi contagiando muita gente, principalmente a galera da zona sul e tal. (Rafael, 31 anos, ex-praticante de jiu-jitsu.)

Contudo, devo abandonar neste ponto o exame de tal questão. Por ora, contento-me apenas em levantar as perguntas.

A estrutura de uma aula em grupo – aquecimento, ensino de uma posição, treino – permanece a mesma de quando comecei a praticar jiu-jitsu, há cerca de uma década. Mas já não há uma vara de madeira ou uma faixa na mão do Mestre ou do Professor, prontas para serem usadas em alunos preguiçosos, nem a obrigação de levar o corpo ao limite da capacidade ainda no aquecimento, com intermináveis sessões de exercícios abdominais e séries de flexões de braço. Mencionamos anteriormente que o jiu-jitsu, ao contrário de outras artes marciais, não é atravessado por rituais que reforçam o respeito e a hierarquia. Trata-se de uma arte marcial cujo ensino se dá em bases que se poderia considerar informais, por certo, mas isso não implica na bagunça generalizada. Atrasos, por exemplo, são duramente repreendidos. Os alunos devem chegar pontualmente aos treinos. E os exercícios, embora menos intensos do que outrora, continuam a ser cobrados. Há sempre uma voz de comando a dizer “Só mais uma série! Não pára não! Mais um treinho!”, e a exortar os alunos a esticarem seus limites um pouco mais. Talvez isso se deva não apenas à necessidade de bom condicionamento físico que o jiu-jitsu impõe, mas também e sobretudo a uma questão de superação pessoal, de “raça”, como se diz na gíria da academia. Pois raça é um dos ingredientes fundamentais do lutador: é preciso ter muita “raça” para sair de um golpe encaixado, para reverter uma posição desvantajosa, para seguir acreditando até o fim na vitória.

Faixa-branca na cintura, adentrei o tatame para meu primeiro treino. O Professor colocou um CD num pequeno aparelho de som, ajustou o volume e, quando a música começou a sair das caixas de som posicionadas no teto da

academia, ordenou que começássemos a correr em volta do tatame – os mais graduados à frente, faixas-brancas no final da fila. Tocava uma música do grupo O Rappa: “Ôôôôô ôô ôôô” / “Ôôôôô ôô ôôô” / “O show tááá co...meçando” / “O show tááá co...meçando” / “Ôôôôô ôô ôôô.”

O fato de iniciarmos a corrida de aquecimento ouvindo música dá a medida da descontração da aula. Ao longo dos meses em que realizei a pesquisa, ficou clara a predileção do professor pelo O Rappa e também pelo rap americano, ou melhor, o *gangsta rap* de artistas como 2Pac, Snoop Doggy Dog, 50cent e outros²⁹. Apenas esporadicamente o professor colocava algo diferente disso no som – um pouco de Bob Marley ou alguma coisa de rock dos anos 80, como Dire Straits, The Smiths, ou mesmo Iron Maiden.

O aquecimento durou cerca de trinta minutos. Corremos (primeiro em estilo *cooper*, depois lateral, alterando braços e pernas, levantando joelhos, levantando calcanhares; por fim, demos pequenos “tiros” de corrida de costas), aquecemos os membros superiores (com um peso de um quilo em cada mão, jogamos os braços pra cima, giramos o tronco, encostamos as mãos na ponta dos pés), fizemos abdominais (não mais do que duzentas, divididas em séries de cinquenta e intercaladas por séries de dez flexões de braço), e alongamentos no chão (atenção especial à lombar, pescoço e joelho). Em seguida, o Professor solicitou a ajuda do aluno mais graduado presente e, fazendo-o deitar no centro do tatame, nele demonstrou um golpe: um estrangulamento de gola cruzada, que deveria ser repetido diversas vezes pelos alunos, separados em duplas. Ao fim do treino técnico, o Professor pediu que amarrássemos o quimono, e nos liberou para um gole de água. Então e enfim, o treino propriamente dito. É o Professor que escolhe

²⁹ Sobre este ponto, há um fato digno de nota. Como mencionei anteriormente, em janeiro de 2007 estive presente num desafio de lutas entre os principais nomes do jiu-jitsu brasileiro. Os combates foram definidos através da votação do público na internet, e o evento, realizado numa casa de shows da Barra da Tijuca, teve público apenas razoável. Na ocasião, anotei em meu diário de campo que a maioria dos lutadores escolheu um *gangsta rap* como trilha sonora de sua entrada no tatame. Dos quatorze atletas, somente 4 optaram por algo diferente disso – três funks dos morros cariocas e uma música do *Rage Against The Machine* (banda americana famosa tanto por letras politicamente engajadas como por melodias pesadas, enfurecidas). O *gangsta rap* é um subgênero do rap e do hip hop, cuja principal característica reside no fato de que alguns de seus expoentes foram ou são sujeitos ligados a marginalidade, ao crime – e que não tem pudor algum de celebrar isso abertamente em suas músicas. As letras frequentemente exaltam um estilo de vida atravessado pelo uso de drogas (sobretudo maconha de boa qualidade), o culto as armas, o acirramento de rivalidades em relação à *rappers* de outros lugares e gravadoras, e pelo desrespeito completo às mulheres. Não quero com isso dar a entender que condeno o *gangsta rap* por suas propriedades intrínsecas; apenas achei relevante salientar que este é um estilo de música bastante apreciado por lutadores de jiu-jitsu.

quem irá lutar contra quem, e faz isso de maneira que todos treinem não menos que três vezes por aula (a duração das lutas varia entre cinco, seis e sete minutos; faixas-pretas geralmente treinam por dez minutos). Do início ao fim da aula, haverá passado não mais que hora e meia.

Meu primeiro treino na academia foi com o faixa-azul Léo. Quando me ajoelhei na frente dele – os treinos começam com os lutadores de joelhos, e são precedidos por um aperto de mão –, já estava exausto; o aquecimento, embora descontraído e não muito exigente, fora o suficiente para cansar meu corpo, desacostumado ao exercício físico. O Professor pediu ao Léo que lutasse devagar comigo, pois eu estava há muito tempo sem treinar. O jovem faixa-azul obedeceu, permitindo que me movimentasse mais livremente. Oferecendo menos resistência do que poderia, deixou que eu lhe passasse a guarda, isto é, que me livrasse de suas pernas e o imobilizasse lateralmente, posição desvantajosa para ele. Ato contínuo, percebi que deixava o pescoço desprotegido, e logo encaixei um estrangulamento conhecido como “ezequiel”. Funcionou. Apesar da tentativa desesperada de se safar do golpe, ele acabou sendo obrigado a desistir. Então voltamos a ficar de joelhos, apertamos as mãos novamente, e a luta recomeçou. Sem perder tempo, Léo agarrou minhas pernas com força e truculência. Treinar “solto”, permitir minha movimentação, como o Mestre pedira, tudo bem – mas ser finalizado por um faixa-branca há dez anos sem lutar era algo inaceitável. E ali, fazendo o que podia para me defender de seus muitos e cada vez mais decididos golpes, tive minha primeira lição sobre o que exatamente está em jogo em um treino numa academia de jiu-jitsu. O fato de ser finalizado por um aluno menos graduado mexeu com os brios de Léo, e sua vontade irascível de dar o troco me pareceu não apenas um movimento para restabelecer “a ordem natural das coisas” (assim deixando claro quem de fato era o melhor ou mais técnico), mas também uma tentativa de restaurar sua honra, temporariamente arranhada por uma derrota fragorosa e inexplicável.

Começava ali meus problemas com Léo. Na verdade, não fui o único a ter dificuldades de relacionamento com ele no tatame. As alterações que teve com Pedro (faixa-roxa) e Sandro (faixa-preta) repercutiram na academia como um todo, chegando ao ouvido do próprio Mestre.

A primeira desavença ocorreu com Pedro. No último treino de uma aula qualquer, Pedro surpreendeu Léo com um estrangulamento, finalizando-o. Fato

absolutamente normal, dada a diferença de graduação entre eles (Léo, como já foi dito, é faixa-azul). O rapaz, contudo, ficou visivelmente contrariado. Assim que o treino acabou, disse para Pedro: “você só me pega [finaliza] quando eu tô cansado”. Colocada dessa maneira, a frase soa como uma provocação: como se estivesse afirmando que, em igualdades de condições físicas, a técnica de Pedro não se mostraria superior, não obstante a maior graduação de sua faixa. Soube deste episódio através do Mestre, que, ao relatar o ocorrido, manifestou alguma desaprovação em relação a atitude de Léo.

Com Sandro, a coisa foi um pouco pior. Sucedeu que Léo, durante um treino, encaixou uma chave de omoplata em Sandro e, com isso, conseguiu “raspá-lo”. Não é algo que se veja todos os dias, uma faixa-azul encaixando um bom golpe num faixa-preta, e, mais ainda, pontuando em cima dele. De fato, Léo é um “especialista” em chave de omoplata. Executa o golpe com tanta precisão que toda a evolução de seu “jogo” de jiu-jitsu depende dele, o que aliás já lhe rendeu severas críticas do Professor e dos alunos mais graduados, dado que um dos segredos de um bom lutador é justamente a imprevisibilidade, o uso diversificado de técnicas e golpes em momentos diferentes da luta. Pois bem: após o tal treino, Léo teria deixado um recado na página de Sandro no site Orkut, dizendo algo como “e aí, tomou um calor de mim no treino hoje, hein?” Sandro, é claro, não gostou: ali estava um aluno de graduação bastante inferior à sua contando vantagem, em público, sobre sua técnica no tatame. No dia seguinte, o troco. Sandro pediu ao Professor que o deixasse treinar com Léo. Pedido aceito, iniciou-se o massacre. O faixa-azul foi finalizado diversas vezes.

Como já foi dito, meus problemas com Léo iniciaram no instante mesmo em que comecei a treinar na academia. Mas não acabaram ali. Com efeito, à medida que os meses foram passando, Léo passou a zombar de minha condição física todas as vezes que fazíamos aula juntos. Se eu reclamasse de um exercício mais exigente, ele fazia graça; se pedia para interromper um treino por estar cansado, era porque estava faltando “raça”; se me queixasse de alguma dor no corpo, lá estava ele para afirmar, em um misto de ironia e desprezo: “Caralho, Antonio, tu é o maior velho”.

Certa feita, treinávamos juntos uma posição ensinada pelo Professor – um estrangulamento pelas costas –, quando reclamei de dores no pescoço, pedindo que ele praticasse a técnica com um pouco menos de força em mim. De imediato,

a gozação em alto e bom som: “Aí Antonio, tu é o Bebeto aqui da academia.” A princípio, fiquei sem entender direito. Depois me deu conta de que ele se referia ao ex-jogador de futebol da seleção brasileira, que tinha fama de reclamar de tudo, e de ser frágil fisicamente. “Léo, tudo o que eu queria era ter os seus dezesseis anos de novo”, respondi-lhe, com alguma impaciência.

Depois de uma pausa para recobrar o fôlego e beber um pouco de água, voltamos ao tatame. O Professor começa a escolher quem iria treinar contra quem e, logo de saída, ordena que Léo se ajoelhe para lutar com um faixa-preta. Ao primeiro protesto de Léo – ele pedira um pouco mais de tempo para descansar antes de treinar – o Professor dispara: “Ô Bebeto, ajoelha e treina, que eu tô mandando!”

De alguma maneira, parecia haver algum consenso entre o restante dos alunos quanto a personalidade um tanto difícil de Léo. A maneira com que destilava suas ironias, o jeito com que tratava seus colegas de treino, revelavam arrogância e competitividade desmedidas. Claro, sabemos que em qualquer academia de arte marcial são bastante comuns as brincadeiras e provocações em relação à condição dos alunos mais fracos física ou tecnicamente. Mas sabemos também que a diferença entre o remédio e o veneno é muitas vezes apenas uma questão de dose – e Léo estava claramente exagerando na dose de gozação que lhe cabia.

Naquele dia, consultei meu diário de campo ainda na academia. Constava uma anotação, do início de janeiro (2007), sobre o episódio em que o Mestre falara sobre a condição de Léo. O treino ainda não havia começado, os alunos estavam chegando à academia quando Léo adentrou o tatame. Brincalhão, o Mestre passou a fazer graça do porte físico avantajado do rapaz. Mas logo a brincadeira mudou de tom, e o Mestre, com um ar de seriedade, perguntou-lhe se ainda era virgem. Léo ficou visivelmente desconcertado; sem jeito, tentou mudar de assunto. O Mestre, contudo, insistiu e, olhando para mim, falou com orgulho que eu deveria ter visto “aquele moleque quando começou a treinar”, que tinha chegado na academia uma criança gorda – mas agora, que diferença!

Pela maneira com que o Mestre disse aquelas palavras, e pela maneira também com que Léo resignou-se a elas, olhando cabisbaixo e sorrindo amarelo, tive a certeza de que o início da prática do jiu-jitsu havia sido um marco, um momento decisivo em sua adolescência. A trajetória de sua *bildung* dividia-se em

antes e depois do jiu-jitsu: antes, um garoto gordinho, desajeitado, inseguro e portanto tímido em relação ao sexo oposto; depois, um rapaz forte e bonito, de corpo bem talhado, seguro e paquerador. Em suma, ali estava um exemplo perfeito da transformação que o jiu-jitsu é capaz de operar na auto-estima de um jovem. E o problema, neste caso, residia justamente aí. O excesso de auto-estima, levado a cabo por força de uma ação exterior ao sujeito (o esporte), cristalizou-se em arrogância, em um sentimento de superioridade. Léo era agora um garoto mais forte que a maioria de seus colegas, e acreditava praticar a arte marcial que o autorizava a se sentir desta forma.

Com efeito, desde o primeiro treino pude perceber como a prática do jiu-jitsu está atravessada pela competitividade, e quanto o elemento de virilidade está simbolicamente em jogo. Se falamos em virilidade, falamos também em masculinidade – e aqui, não custa lembrar, estamos no terreno das construções sociais, não de fenômenos naturais.³⁰ Ninguém nasce homem, mas sim torna-se homem, e esta aquisição da masculinidade, como nos lembram os muitos registros etnográficos, é feita através de um rito de passagem, que em muitas culturas é doloroso ou mesmo violento. Em suma, não há algo como uma inclinação natural dos homens ao comportamento competitivo ou mesmo violento. A identidade masculina não está nos genes; ela deve ser adquirida³¹.

Muito bem: o que interessa aqui é avaliar como, no espaço de uma academia de jiu-jitsu, questões relacionadas à masculinidade e virilidade encontram-se imbricadas, e, mais ainda, como se inscrevem no corpo do lutador. Pois é através do corpo que se faz um lutador: o aprendizado de jiu-jitsu nada mais é do que a assimilação de um conjunto de práticas “da qual o corpo é ao mesmo tempo a sede, o instrumento e o alvo” (Wacquant, 2002: 33). Pode-se explicar verbalmente

³⁰ O debate em torno da masculinidade foi marcado durante muito tempo pela idéia de que a violência seria uma característica inata do homem, algo que faria parte de sua natureza. Tal idéia começou a ser discutida, e superada, com o desenvolvimento de pesquisas etnográficas e com a contestação advinda do movimento feminista, nos anos 70. A própria noção de “natureza humana”, em termos genéricos, foi ferida de morte: em ensaio clássico, Clifford Geertz (1989) assinala que todas as sociedades apresentam alguma forma de moral, de religião, ou de estrutura familiar – mas estas formas de construções morais, práticas religiosas e estruturas familiares são tão diferentes entre si, que só seria possível reuni-las sob um mesmo conceito, de vigência universal, valendo-se de uma generalização tão larga que o próprio conceito perderia rigor científico, porque demasiadamente abstrato. Na filosofia, alguns dos ataques mais contundentes à idéia de uma “essência” ou “natureza” humana podem ser encontrados na obra de Richard Rorty (1989; 1994; 2002).

³¹ Para um painel mais abrangente da discussão teórica em torno da construção social da masculinidade, consultar o trabalho de Cecchetto (2004), especialmente os capítulos 1 e 2.

a um aluno novato como se executa uma chave de braço (“com uma mão, segure a manga do quimono do braço oposto do adversário, suba as pernas até a altura de seus ombros e, ao mesmo tempo, desloque o quadril para o lado oposto ao braço que está dominado; em seguida passe a perna por cima do braço dominado e levante o quadril, de modo a fazer o movimento de alavanca: pronto, a chave de braço está dada”), mas, na hora da luta, o conhecimento teórico não lhe terá utilidade alguma. Numa luta, a aplicação das técnicas do jiu-jitsu, como de resto de quaisquer outras artes marciais, não deve passar pela mediação do intelecto; para serem correta e eficientemente executadas, precisam estar incorporadas quase que instintivamente ao repertório de movimentos corporais do lutador. Trata-se de uma pedagogia estritamente corporal, posto que é somente com a repetição contínua da rotina de treinamento que o gesto inscreve-se no corpo (Wacquant, 2002).

Os usos do corpo

O primeiro ponto a se destacar, e que nos remete a observações de escopo sociológico mais abrangente, é a enorme importância que o corpo assumiu na construção da identidade do indivíduo hodierno. Atualmente, é consenso nas ciências sociais o diagnóstico segundo o qual as antigas instâncias doadoras de sentido à existência do indivíduo – as instituições que atuavam como suporte da identidade – teriam perdido força e relevância de atuação (Costa, 2004; Bezerra Jr., 2002). Família, religião, doutrinas políticas e ideológicas, todos os representantes de valores tidos como tradicionais estariam, ao longo do século XX e ainda hoje no XXI, em processo de declínio. Em contrapartida, como que em resposta a esta nova realidade, teríamos assistido ao surgimento de um sujeito individualista, um *self* reflexivo e narcisista, senhor de sua trajetória, artesão de sua própria existência (Breton, 2004).

Não quer isto dizer, contudo, que todas estas instâncias tenham perdido por completo a força normativa de que dispunham. “Simplesmente”, argumenta Jurandir Freire Costa, “(...) foram ‘privatizadas’. Ou seja, deixaram de agir institucionalmente, por meio de regras impessoais e universais, para serem ativadas caso a caso, ponto por ponto” (Costa, 2004: 189). Aqui, uma vez mais, novos problemas se colocam. Quais as características de uma subjetividade

impactada pela vida em meio a um sistema econômico cuja instabilidade e pressão por desempenho que lhes são inerentes estimulam a infixidez e engendram a insegurança crônica (Sennet, 2005)? Em que medida encontram-se imbricadas a construção da identidade e a relação com o próprio corpo, num mundo cada vez mais regido por imagens e pautado pela idéia de aparência? Como se estruturam as novas gramáticas afetivas em contextos, por assim dizer, pós-modernos?

Embora existam diferenças entre as idéias dos diversos autores que se debruçaram sobre estas questões, parece haver alguma concordância quanto a noção de que o investimento do sujeito em seu próprio corpo seria consequência natural deste estado das coisas. Trata-se, lembremos apenas de passagem, de uma reviravolta e tanto na cultura ocidental: pois o Ocidente nunca enxergou o corpo humano como um fim em si mesmo, ao contrário, o corpo foi sempre encarado como um instrumento para cumprir tarefas familiares, políticas ou religiosas. Segundo Jurandir Freire Costa (2004), estaríamos presenciando o surgimento de um novo modelo de identidade: a bioidentidade, uma forma de sociabilidade apolítica organizada não mais em termos de raça, classe ou filiação política, mas sim sobre critérios corporais, médicos e estéticos. O cuidado de si não seria mais transcendente, e sim corpóreo; e é a chamada “qualidade de vida” o princípio com o qual todas crenças religiosas, políticas, sociais e psicológicas teriam que se coadunar. Nossa cultura, diz o autor, é uma cultura somática, cujas principais características incluem a supervalorização das sensações em detrimento dos sentimentos e o fim do resguardo intimista, a impossibilidade de manter afastado do olhar alheio os dados mais íntimos do indivíduo.

No mesmo eixo de argumentação, David Le Breton (2003; 2004) assevera que o corpo é hoje uma afirmação pessoal, um alter ego, um outro si-mesmo, e isso de uma maneira tão intensa que a interioridade do sujeito estaria na verdade mais alocada em sua exterioridade. A contínua adaptação às normas estéticas do momento exigiria um ininterrupto esforço de trabalho sobre si, uma ascese vigilante e permanente – o fisiculturismo, a obsessão pelos regimes alimentares, o crescente recurso às intervenções médicas de estética e a metamorfose do corpo pela artificialidade seriam sintomas deste esforço. Breton não deixa de notar, na “cybercultura”, a possibilidade dissimular o corpo e a identidade, ou mesmo a possibilidade de abandonar a prisão do corpo e viver uma vida inteiramente feita de sensações digitais. Observa, também, a invasão da medicina sobre a saúde:

cada vez mais toma-se remédios para programar os humores e corrigir as imperfeições de um corpo tido como deficitário, incompleto. Tudo somado, diz o autor, ocorre que o indivíduo contemporâneo faz de seu corpo um abrigo para si, um lugar onde possa ter a “ilusão sincera de ser, enfim, ele próprio” (Breton, 2004: 69).

De fato, o lutador de jiu-jitsu tem no próprio corpo um abrigo. Trata-se de um esporte que, de uma maneira geral, exige sacrifícios imensos ao corpo do praticante. A primeira parte do corpo que se ressentido do treinamento de jiu-jitsu são os dedos das mãos. Sofrem com a aspereza do quimono. Já na primeira semana, na área imediatamente acima das unhas, a pele fica em carne viva, e é preciso usar esparadapros para conseguir treinar. Com o tempo, formam-se calos, e o desconforto desaparece. Também não leva muito tempo até que se sinta o pescoço dolorido, pois são muitas as posições (estrangulamentos principalmente) em que as grossas lapelas do quimono exercem enorme pressão sobre ele. Aqueles que têm pele mais branca, como eu, costumam ver surgirem manchas roxas nos dias seguintes aos treinamentos, normalmente localizadas no pescoço e debaixo das axilas.

Há esportes que demandam mais resistência, outros que requerem muita explosão muscular; há também aqueles em que a agilidade ou a flexibilidade são o mais importante. O jiu-jitsu requer tudo isso ao mesmo tempo³². É preciso ter bastante força de explosão muscular, mas esta força deve ser capaz de ser sustentada por um bom tempo, do contrário, não tem serventia alguma. Contudo, força e resistência de nada adiantam, se o lutador for lento e inflexível – agilidade e um bom alongamento muscular são imprescindíveis para um sem número de golpes e posições. O Mestre é bastante enfático quanto a isso:

³² Senti na carne a exigência do jiu-jitsu. Além do cansaço natural das primeiras semanas de treinamento – aos poucos, me dei conta de que uma das coisas mais importantes que um aluno novato tem a aprender é justamente como fazer força, de que maneira e em quais situações – sofri com contusões. Meu joelho direito “saiu do lugar” diversas vezes (o que causava alguma dor e impedia o treinamento nos 3 ou 4 dias subsequentes); tive duas costelas “estaladas” (na segunda vez, foram dois meses em fisioterapia, sem poder treinar); e recebi três pontos no supercílio esquerdo, resultado de um choque acidental contra o cotovelo de Sampaio (ao examinar meu rosto ensanguentado, o Professor exclamou: “é, abriu uma bucinha”). Não credito esta seqüência de lesões à violência envolvida na prática do jiu-jitsu, e nem poderia, pois o jiu-jitsu não é um esporte de confronto corporal brutal ou violento. Muito ao contrário: penso que fui vítima de mim mesmo, de meu descaso para com meu corpo durante quase uma década, e também do azar. Contra o azar, pode-se muito pouco.

Já vi neguinho que corre maratona chegar aqui no tatame, dar um, dois treininhos e morrer. Jiu-jitsu é foda. É o melhor e o pior esporte que tem. O [diz o nome do atleta] mesmo, o cara é professor de boxe tailandês, atleta e tal, faixa preta de jiu-jitsu também. Mas tava há um tempo sem treinar de pano [quimono]. Aí chegou aqui outro dia pra treinar e no dia seguinte reclamou pra caralho, disse que tava todo moído, que num sei quê, “porra, tô cheio de dor”...

O lutador de jiu-jitsu sabe que dificilmente há modalidade esportiva que exija mais sacrifícios ao corpo. Sabe e se orgulha disso. Uma das gírias mais ouvida nos tatames é “casca-grossa”, talvez um dos maiores elogios que se possa fazer a um lutador. Inicialmente, “casca-grossa” designava o atleta de jiu-jitsu de destaque reconhecido, que aliava as três características imprescindíveis a todo campeão: força, técnica e raça. Com o tempo, o uso do termo expandiu-se. Um surfista que desce ondas enormes é, sem dúvida, um “casca-grossa”. Um filme bastante violento deverá conter cenas “casca-grossas” – nesse registro, “casca-grossa” é quase sinônimo de “sinistro”, outro termo bastante utilizado por jovens, lutadores ou não. Mas o que importa notar é o aspecto de fisicalidade que a gíria expressa: o elogio se faz à pele, ao invólucro do corpo, não ao conteúdo. Afinal, é a pele que, endurecida pelo treinamento, se faz casca. Casca que, por espessa, perde em sensibilidade, mas ganha em proteção à dor e aos ataques dos adversários. A “casca-grossa” é portanto um embrutecer: daí podermos pensá-la como uma espécie de avesso do “verniz” e da sensibilidade refinada característicos do processo civilizador (Elias, 1994).

Eu era um moleque de dezesseis anos e fazia “taparia” com os adultos, tomava cada porrada... E tinha uns doidos que gostavam de dar porrada, então aproveitavam que era teu amigo pra te dar uns tabefes naquela hora, que tava liberado. Eu inclusive tenho um problema no pescoço, minha hérnia de disco foi muito em função de um “triângulo” [estarngulamento que se dá com as pernas] que dei no Rodrigo. Ele era meu amigo, muito mais forte que eu, encaixei o triângulo, o bichinho tava babando, não queria bater de jeito nenhum... Ele ia apagar, ele não ia bater e ia apagar, mas antes de apagar ele pegou, me levantou e me deu um “bate-estaca” [golpe traumático, proibido em campeonatos: consiste em levantar o adversário e arremessá-lo de volta com as costas no solo, usando para isso o peso do próprio corpo]. Mas por esse lado foi bom fazer jiu-jitsu, você fica mais cascudo para enfrentar certas dificuldades, pra enfrentar certos medos. (Rogério, 30 anos, ex-praticante de jiu-jitsu.)

O lutador de jiu-jitsu é obrigado a conviver com a dor do desgaste físico e das contusões, e a superá-la. Ter a “casca grossa” é, portanto, uma necessidade, uma exigência que a prática do esporte impõe naturalmente, e que alguns logram

vencer. Mas para além da necessidade da couraça endurecida, há toda uma dimensão psicológica que a acompanha e, porque não dizer, a envolve. Pois a “casca grossa” é sobretudo uma construção de si a ser constantemente apresentada e reiterada a outrem; é, ao mesmo tempo, uma disposição e um estímulo psíquico fundamental, principalmente se levarmos em conta que uma academia de jiu-jitsu, qualquer uma, é um espaço hipermasculino, cuja atmosfera encontra-se permeada por um *ethos* ligado à virilidade. Assim sendo, uma “distância regulamentar” deve ser sempre observada em seu interior. Se por um lado o brasileiro em geral se mostra aberto e receptivo ao contato corporal (abraços, beijos no rosto etc.), por outro continua refém da herança machista ibérica e uma cultura patriarcal – o ideal do “homem de verdade” (Nolasco, 1997), do “homem com agá maiúsculo”, do “homem não chora”. Com isso quero dizer que, numa academia de jiu-jitsu, não apenas maiores intimidades físicas devem ser evitadas, como seria normal supor: também o falar abertamente de si, a confissão de intimidades sentimentais de cunho pessoal, pode ser mal visto ou interpretado. Nesse sentido, a “casca grossa” funcionaria também como um recurso de sociabilidade. Ser um sujeito durão, “fechado”, de poucas mas firmes palavras, poderia ajudar na aceitação do indivíduo pelo grupo.

Para um lutador de jiu-jitsu, o ideal seria possuir uma casca tão grossa que deixasse de ser pele humana. Não sem razão, metáforas que associam o corpo do lutador à máquinas são bastante comuns entre praticantes de lutas, e no jiu-jitsu não é diferente. São muitas as gírias que o demonstram³³. Quando um lutador domina o outro completamente, diz-se que ele “passou o carro” ou ainda que “atropelou” seu adversário; quando, num vale tudo, a vitória vem rápida e avassaladora, comenta-se que “fulano *tratorizou* beltrano”. No idioma das artes marciais ligadas ao vale-tudo, *tratorizar* é verbo, conjugado um sem número de vezes nas principais publicações que tratam do esporte³⁴. Desnecessário

³³ A relação metafórica homem/máquina entre lutadores já havia sido percebida e explicitada por Wacquant. Em sua etnografia com praticantes de boxe de uma academia em Chicago, o autor deixa claro que “a metáfora mais comum que os lutadores usam para falar de seus corpos é a de uma máquina ou motor que precisa constantemente ser regulado e cuidado de maneira adequada (...)” (1998: 75).

³⁴ A revista *Tatame*, a principal publicação do gênero no Brasil, estampa em suas capas diversos exemplos do uso deste vocabulário: “Minotauro atropela Zulu” (edição 123, maio de 2006), “Paulão tratoriza Chonan” (edição 127, setembro de 2006), “Macaco tratoriza Godói” (edição 128, outubro de 2006), “Fedor tratoriza filho de Rei Zulu” (edição 119, janeiro de 2006).

mergulhar em maiores interpretações: a imagem que o termo evoca é suficientemente auto-explicativa.

O corpo do lutador não é apenas máquina; seguindo Wacquant (1998) uma vez mais, poder-se-ia dizer que é também ferramenta e arma. Para o lutador profissional, o corpo é seu instrumento de trabalho, a ferramenta através do qual constrói sua carreira e ganha o seu salário, e quanto a isso não há muito mais o que dizer. O corpo-ferramenta não interessa muito aqui; o corpo-arma, sim. Voltarei a este ponto no próximo capítulo. Por ora, restam outras observações a fazer antes de enveredar numa discussão centrada na violência que advém do uso do corpo-arma entre lutadores.

Não é apenas como máquinas que os lutadores de jiu-jitsu gostam de imaginar a si mesmos. Toda uma dimensão que remete à animalidade está também presente em muito da simbologia que perpassa o universo desta luta. Os primeiros e mais óbvios exemplos estão nos símbolos utilizados pelas academias: dois bulldogues babando sangue em rota de colisão (Carlson Gracie), um “demônio da Tasmânia” de quimono (Barra Gracie), um leão (Gávea jiu-jitsu), entre outros. Mas, sem dúvida, o exemplo mais claro desta identificação com a animalidade reside na predileção de muitos lutadores por cães de temperamento bravo, especialmente os da raça *pitbull*. Alguns chegam a extremos, como cortar as orelhas do animal, para que não sejam mordidas em brigas, e aplicar doses de anabolizantes, para fazer crescer massa muscular e torná-lo mais agressivo. De qualquer forma, é certo que se instala ali uma relação metonímica³⁵ – a parte pelo todo –, de maneira que homem e fera encontram-se absolutamente identificados um com o outro. É quase como se tais lutadores quisessem transcender o humano, superá-lo, deixá-lo para trás; como se o discurso que vai nas entrelinhas de seus corpos fortes e tatuados, o subtexto presente na coleira que os conecta aos seus bichos de estimação estivesse silenciosamente dizendo “nós somos mais do que homens, somos homens-máquinas-feras”.

Mas é preciso considerar que, entre os praticantes de jiu-jitsu, o homem-cão reflete a imagem de uma minoria. Claro, é uma imagem forte e simbólica o suficiente para ser cristalizada em estereótipo – daí “pitboy” –, mas ainda assim é uma imagem que faz jus somente a uma pequena parcela do universo maior de

³⁵ Agradeço a forma criativa com que o prof. Luiz Eduardo Soares chamou a minha atenção sobre este ponto.

lutadores. Na verdade, o traço mais distintivo dos praticantes de jiu-jitsu, o sinal externo que lhes é mais comum e através do qual é mais fácil identificá-los, são as orelhas deformadas pelos treinamentos.

No jiu-jitsu, o constante atrito com o quimono e o tatame atingem de modo mais dramático a cartilagem das orelhas, que, se maltratadas o bastante, incham com o sangue. É um fato corriqueiro, decorrência natural do tipo de treinamento que é feito no tatame, e que os lutadores chamam de “estourar a orelha”. Não há como evitá-lo. A única opção é usar um protetor de orelha, extremamente desconfortável. Porque incômodos, protetores deste tipo são utilizados somente depois que a orelha “estoura”, a fim de evitar danos maiores, não no dia-a-dia de treinamento. O certo é que trata-se de uma lesão dolorida, desagradável.

Quanto mais treino, mais atrito; quanto mais atrito, mais sangue, e maior a deformação – há lutadores que não conseguem usar fones de ouvido. Vem daí o apelido “orelha de repolho”: de fato, certas orelhas ficam tão deformadas que se parecem com qualquer coisa (uma couve-flor, talvez), menos com uma orelha. Uma vez “estourada”, há pouco a se fazer. O primeiro e mais imediato procedimento consiste em espetar uma seringa na orelha “estourada” e tentar drenar o sangue logo após a feitura da lesão, o que é conhecido como “punção”. O segundo procedimento é uma operação plástica.

A orelha “estourada” é sinal de dedicação e experiência, espécie de atestado de entrega do lutador à luta – aí sua importância simbólica. Não é sem motivo, pois, que muitos alunos novatos de jiu-jitsu friccionem deliberadamente suas orelhas nos quimonos ou nas faixas, a fim de produzir a lesão que garante o inchaço. Orelhas “estouradas” são símbolos, e seria tentador enxergar nelas “verdadeiras medalhas que conferem maior destaque aquele que ostentar o pavilhão auricular mais devastado” (Sabino, 2004: 315), como fez outro antropólogo. As coisas se passam de forma mais matizada, contudo. O que confere maior destaque a um lutador de jiu-jitsu é a técnica dentro do tatame (aliada ao condicionamento físico e sobretudo à “raça”) ou, em certos casos, a habilidade de luta na rua. A orelha deformada é claramente um signo distintivo que, pelo menos em tese, atesta a assiduidade e experiência do lutador. Mas não é, por si só, sinônimo de potência. De nada adianta ter “orelha de repolho” e ser finalizado por alunos menos graduados nos treinos. Isso, aliás, é o pior dos mundos para um praticante de jiu-jitsu: ter os atributos físicos de um “casca-

grossa”, mas, na verdade, ser uma “franga”, um atleta que é facilmente superado pela maioria dos seus companheiros ou adversários.

O corpo do lutador de jiu-jitsu apresenta ainda outros sinais distintivos³⁶, mas nenhum é tão singular, recorrente e visivelmente impactante como a orelha “estourada”. Ela é a garantia de que um lutador de jiu-jitsu não passará despercebido como tal. Neste sentido, a orelha deformada parece confirmar as teses de que a identidade encontra-se cada vez mais inextricavelmente atrelada ao (ou fundamentalmente inscrita no) corpo do indivíduo e, ao mesmo tempo, apoiar a idéia de que, nesta cultura somática em que vivemos, “a aparência virou essência, os ‘condenados da aparência’ são privados da capacidade de fingir, dissimular, esconder os sentimentos, as intenções, os segredos, capacidade presente na cultura da intimidade que se tornou obsoleta” (Ortega, 2006: 47). No mesmo diapasão, Jurandir Freire Costa argumenta que

a cultura somática, ao esvaziar a moral dos sentimentos em benefício da moral do corpo e das sensações, privilegiou a clareza da vontade e da aparência física, em prejuízo da obscuridade do desejo e da profundidade emocional. Com isso, veio a privar o sujeito de um potente mecanismo estabilizador do sentimento da identidade, qual seja, a capacidade de dissimular a sua intimidade do olhar do outro (Costa, 2004: 198).

Resulta daí que, nesta perspectiva, estamos permanentemente expostos ao olhar invasivo do outro. Assim sendo, nos tornamos inseguros, frágeis, procurando a todo custo submergir na normalidade, a fim de evitar atrair atenção (Ortega, 2006). Ocorre que, para um lutador de jiu-jitsu que ostenta orelhas “estouradas”, é virtualmente impossível esconder o sinal de sua diferença, e assim camuflar-se em meio a normalidade reinante. Sua intimidade, em grande parte, já está exposta ao olhar do Outro³⁷. O elemento bizarro de sua aparência é suficiente para atrair olhares, pois

³⁶ Poder-se-ia citar a grossura da musculatura do pescoço e o uso do cabelo “raspado”, isto é, cortado à máquina, bastante curto. O cabelo, diz-nos DaMatta (1997: 34) evocando um estudo de Leach, é um elemento humano com conotações diversas, “associado que está ao luto, à disciplina, à castidade e à agressão libidinal”. Cabelos curtos, por exemplo, seriam indicativos de disciplina; já a cabelereia farta e desgrenhada seria um sinal de descaso, rebeldia ou crítica em relação às normas sociais. No caso específico do jiu-jitsu, contudo, penso que não se pode desprezar a razão utilitária. Cabelos curtos são uma necessidade da prática do esporte: fios longos atrapalham nos treinamentos, pois o lutador está a todo momento tendo o fundo da gola de seu quimono segurado (com força, diga-se) por seu oponente.

³⁷ Há que se notar também que a orelha também pode ser lugar de distinção sexual. DaMatta (1997: 38), rememorando os tempos de infância e adolescência, diz-nos que “ter pêlo na orelha era

o rosto é, de todas as partes do corpo humano, aquela onde se condensam os valores mais elevados. Nele cristalizam-se os sentimentos de identidade, estabelece-se o reconhecimento do outro, fixam-se as qualidades da sedução, identifica-se o sexo, etc. (...) O valor ao mesmo tempo social e individual que distingue o rosto do resto do corpo, sua eminência na apreensão da identidade é sustentada pelo sentimento que o ser inteiro aí se encontra. A infinitésima diferença do rosto é, para o indivíduo, o objeto de uma incansável interrogação: espelho, retratos, fotografias, etc. (Breton, 2007: 71)

Em alguns casos, este despertar de olhares, causado pela deformação que exhibe no rosto, pode ser exatamente aquilo que o lutador deseja. E isso por dois motivos: o orgulho de fazer parte de uma “tribo”, cujo símbolo máximo de pertencimento é justamente a orelha inchada, e a mensagem de intimidação que ela veicula. Com efeito, ao se deparar com uma orelha “estourada” numa festa ou boate, qualquer jovem carioca de classe média ou alta *já sabe, de antemão, com quem está falando*. Ou seja, sabe que está lidando com um lutador de jiu-jitsu, possivelmente um “casca-grossa”. Mas a mensagem tácita da marca corporal do lutador não se completa sem um dado de ambigüidade; por um lado, atua no sentido de impor respeito ou mesmo temor, por outro, serve como o primeiro e mais imediato sinal que dispara o gatilho do estigma, do estereótipo que acompanha os praticantes desta arte marcial. Ao reconhecer uma “orelha de couve-flor”, dificilmente alguém imaginará que trata-se de um sujeito pacato, um atleta que restringe o uso de sua técnica somente ao tatame. Mais provável que pense “olha lá o ‘pitboy’, troglodita porradeiro”.

Pode acontecer de ser exatamente isso o que deseja o lutador de jiu-jitsu, ao menos em alguns casos. Se Mary Douglas está correta em afirmar que “o corpo humano reproduz em escala reduzida os poderes e os perigos que se atribui à estrutura social” (Douglas, 1971 *apud* Breton, 2007: 70), então a análise da construção corporal do lutador de jiu-jitsu poderia ser fonte de elucidação ou apreciação de certos aspectos da sociedade brasileira. Nesse sentido, o corpo-arma do lutador – cujo maior símbolo é a orelha estourada e não, como se poderia pensar à primeira vista, os músculos inchados – inscreve-se na problemática analisada por DaMatta (1983) sobre a tensa relação que se desenrola no Brasil

sinal de masculinidade e de malvadeza”. Além disso, vale lembrar que por muito tempo a orelha masculina adornada por um brinquinho de ouro foi tida como signo de homossexualidade (Trevisan, 1997).

entre a moral universalisante e igualitarista das leis e a moralidade baseada nas teias de relações sociais. Transitando por entre uma superfície que postula a igualdade, mas por sobre um pano de fundo baseado na hierarquia, não raro acabamos por temer a primeira, lançando mão de artifícios que visam reforçar a segunda. Vejamos: músculos inchados ou definidos, algo que qualquer frequentador de academia de ginástica pode ter, são no mais das vezes fruto de uma preocupação estética, embora eventualmente possam também servir como arma de intimidação. Mas a orelha estourada, para além do bizarro que introduz na aparência do indivíduo, expressa o pertencimento a um grupo social cuja reputação encontra-se notadamente marcada pela violência e agressividade desmedidas, por vezes gratuitas. Nesse registro, a orelha estourada, convertida em uma espécie de “você sabe com quem está falando?” não-discursivo, porém visualmente explícito, poderia ser entendida como um artifício usado para introduzir a hierarquia em situações de uma igualdade “intolerável” – uma fila para usar o banheiro ou pagar o consumo no interior de uma boate, por exemplo³⁸. Aí sua utilidade: o “você sabe com quem está falando?” não mais como pergunta, mas sim como afirmação ininterrupta e silenciosa, apenas ligeiramente mais enfática em seu tom provocativo: “você *sabe* com quem está falando...”

O fantasma da homossexualidade e as “marias-tatames”

O jiu-jitsu é um esporte de contato corporal, por assim dizer, bastante íntimo. Um *armlock* (chave de braço), por exemplo, exige que se segure o braço do adversário por entre as pernas, pressionando-o de encontro à região pélvica. Uma técnica de imobilização conhecida como “sessenta e nove” consiste literalmente em sentar a bunda no rosto do oponente e deixar o peso do corpo impedir-lhe o movimento, contando para isso com o auxílio de uma firme pegada no quimono na altura do quadril. Desnecessário arrolar mais e mais exemplos. No jiu-jitsu, o contato com as partes íntimas não ocorre somente por excesso de descuido ou maldade (“golpe baixo”), mas é antes uma necessidade mesma da

³⁸ Tais exemplos não foram mobilizados ao acaso: tratam-se de duas das situações que mais causam brigas em casas noturnas no Rio de Janeiro. A título de ilustração, veja-se o depoimento de um dos representantes da boate DaDo Bier, na Barra da Tijuca: “Outro dia, um deles [“pitboys”] quis sair sem pagar a conta. Quando chamamos sua atenção, ele cuspiu na cara do meu gerente e quebrou o braço de um segurança. É um animal!” (Fonte: Jornal do Brasil, edição de 12/09/1999).

prática. É tão comum que o lutador sequer chega a preocupar-se com isso – exceto, é claro, quando o adversário é uma mulher.

Não está claro até que ponto pode-se imputar a esta característica natural do esporte a preocupação constante, por parte de seus praticantes, em afirmar a própria masculinidade. Mas como divorciar uma coisa da outra? Com efeito, uma das principais gozações que o lutador de jiu-jitsu escuta de amigos que não partilham de sua paixão por esta arte marcial é “ah, mas então você gosta de se agarrar com homem no chão!”. Essa gozação, como deixa entrever Cecchetto (2004), atravessaria jovens de todas as classes sociais:

Certa vez, em meio a uma conversa com os rapazes na praça, toquei, com muitas reservas, no assunto da homossexualidade entre os funqueiros. Numa súbita mudança de um grupo para outro grupo, o líder da galera, meu principal informante, parou e disse: “No funk não tem esse negócio não. Exemplo: esse negócio de homem ficar agarrando homem nessa parada do jiu-jitsu não tem nada a ver. É muita vacilação!” (Cecchetto, 2004: 126.)

Trata-se de uma desconfiança travestida de piada, que, aliás, tem lá sua razão de ser. O praticante de jiu-jitsu retira prazer do fato de agarrar-se a homens suados e rolar com eles no tatame em posições as mais diversas, o que para muitos é suficiente para lançar uma sombra de dúvida sobre suas preferências sexuais. Implícita na provocação, o questionamento: “Não se esconderia aí, na exigência do esporte, uma tendência homossexual, um tesão ainda que inconsciente pelo corpo masculino?”

O lutador de jiu-jitsu é obrigado a conviver com esta desconfiança, ainda que no mais das vezes ela se faça em tom jocoso, de brincadeira, e não em forma de um comentário “sério” ou acusação aberta. Poder-se-ia evocar, mas com algum cuidado, a análise de Radcliffe-Brown (1973) sobre as relações de “parentesco por brincadeira”, que podem se dar entre membros de uma mesma família ou grupo social e também entre clãs ou tribos diferentes. Radcliffe-Brown nota que “a caçoadia inclui sempre amistosidade e antagonismo” (1973: 132), mas que seu uso pode servir como instrumento de criação de familiaridade, de “licença”, tornando-se assim uma maneira de evitar o confronto aberto e garantir o equilíbrio de uma determinada relação. Tal argumento parece se aplicar no caso da piada sobre a suposta inclinação homossexual que atravessaria a prática do jiu-jitsu: evita-se o ataque direto sem contudo deixar de se dizer o que pensa, e isto de tal maneira a

criar uma atmosfera de relativa camaradagem, que só dificulta ainda mais as coisas para o praticante de jiu-jitsu. Pois ele sabe que está sendo alvo de uma piada, sabe também que a pessoa muito provavelmente acredita que a piada de fato corresponde à realidade, e, se for só um pouco perspicaz, sabe ainda que uma reação enérgica de ofensa só faria confirmar as suspeitas que lhe pesam nos ombros.

Muito bem: uma academia de jiu-jitsu é um espaço hipermasculino não apenas porque exige imensos sacrifícios ao corpo do lutador, ou porque este, para obter o reconhecimento de seus pares, deve mostrar-se sempre um “guerreiro” que, ao superar constantemente a si próprio – a dor, as contusões, os exercícios – pavimenta o caminho para superar os adversários. Uma academia de jiu-jitsu é um espaço hipermasculino também porque os praticantes, perseguidos que são – inclusive e sobretudo por si próprios – pela idéia de “gostarem de se agarrar a outros homens”, preocupam-se ao máximo em afastar qualquer vestígio de “afetação”, qualquer possibilidade de associação com uma homossexualidade que os treinamentos diários insistem em “colar” à prática do esporte. Os corpos masculinos, que se pretendem fortalezas invioláveis, desfrutam de grande intimidade no tatame. São tocados, apalpadados, agarrados, imobilizados uns por sobre os outros – daí o fantasma da homossexualidade. Como todo fantasma, também este não precisa necessariamente se materializar para causar pavor.

Não sem razão, numa academia de jiu-jitsu são bastante comuns brincadeiras de tapas, safanões, petelecos e todo tipo de sopapos. Inversamente, demonstrações públicas de afeto tais como abraços ou beijos são algo raras³⁹. E, mais importante, “mulher” é assunto que nunca se esgota. No tatame, há sempre alguém a contar uma aventura sexual na noitada, a tecer elogios à forma física de uma participante mais desinibida do *reality show* “Big Brother”, à última capa da revista “Playboy” ou à uma beldade qualquer em destaque na mídia. Incontáveis vezes presenciei acaloradas discussões sobre a melhor maneira de se “comer” uma mulher (isto nos termos mais educados), ou sobre “comer” muitas mulheres sem

³⁹ E isso não apenas na academia, mas também na rua. Por exemplo: pouco antes do carnaval, houve um desfile de blocos na Lapa, ao qual eu e um grupo de amigos e amigas, quinze pessoas ao todo, decidimos comparecer fantasiados de noivas. À certa altura, avistei, em meio a multidão, o Professor – tênis, bermudão, camisa do Flamengo sem manga e cordão prateado no pescoço. Ao me ver naquele estado, abriu os braços e, num misto de incredulidade, bronca e gozação, disparou: “Mas que porra é essa?!” Ignorei a pergunta e lhe dei um abraço, e pela reação instintiva de afastamento de seu corpo tive a certeza de que o havia deixado algo desconfortável.

levantar a suspeita da namorada, ou ainda sobre como continuar a “comer” muitas mulheres, inclusive a namorada, caso esta descubra a traição. Mas não se trata apenas de um machismo manifesto, acompanhado de uma forte afirmação da heterossexualidade. Trata-se também de um anti-homossexualismo explícito. Certa vez ouvi o Mestre proclamar: “tirando matar, roubar e dar a bunda, eu faço de tudo”. Ao incluir a orientação sexual entre os princípios basilares de sua noção do que é certo ou errado, o Mestre nos dá uma boa idéia do grau de importância que concede à sua própria heterossexualidade e, por extensão, do grau de repulsa que nutre pela homossexualidade.

O assunto seria desprovido de maior interesse não fosse o envolvimento de muitos lutadores de jiu-jitsu em episódios de agressões a homossexuais. Sabemos obviamente que tais agressões não são exclusividade de lutadores de jiu-jitsu e “pitboys”. Não é preciso conhecer trabalhos acadêmicos (Silva, 2007; Perlongher, 1987) para reconhecer que, de um modo geral, a sociedade brasileira mostra-se altamente intolerante para com suas minorias sexuais. A leitura regular dos jornais é mais do que suficiente para comprová-lo.⁴⁰ Mas, no Rio de Janeiro, os ataques de “pitboys” a frequentadores de lugares *gays* (como os bares da rua Farne de Amoedo, em Ipanema, ou a boate Dama de Ferro, na Lagoa, bairros da Zona Sul da cidade) são tão comuns que merecem o destaque na mídia e o horror da população, embora seja difícil precisar onde termina uma coisa e começa a outra. Quando um fantasma (ou paranóia, se quisermos adotar o jargão psicanalítico) leva apenas a uma sociabilidade um pouco mais virilizada numa cultura notadamente machista, como é o caso da brasileira, não há maiores motivos para preocupação. Mas quando, no entanto, vira caso de polícia, então temos um problema.

É bastante conhecido o fato de que homens são socialmente levados a acreditar que a força, a agressividade e o poder de subjugar são por excelência os meios através dos quais se alcança o sucesso profissional e social; implícita aí está a noção de que o “funcionamento apropriado de uma sociedade depende da inculcação de padrões agressivos de comportamento em jovens meninos”)

⁴⁰ Segundo dados do Grupo Gay da Bahia, a cada dois dias um gay, bissexual, travesti ou transgênero é assassinado no Brasil. (Fonte: Jornal O Globo, edição de 21 de setembro de 2007.)

(Brittan, 1989: 7; tradução minha⁴¹). Mas, no caso do jiu-jitsu, seria insuficiente afirmar que os jovens lutadores estariam somente fazendo o possível para se encaixar num padrão de comportamento que é socialmente instaurado e exigido. Ou seja, não basta a constatação de que, como diria Bourdieu, eles são “dominados por sua dominação”. Pois não se trata somente de uma vigilância constante contra intimidades corporais ou sensibilidade afetiva entre homens, mas sim de uma repulsa exacerbada à figura do homossexual. São muitos os fatores que o estimulam, mas se tivéssemos que resumir a questão diríamos simplesmente que isto ocorre sobretudo porque

a imagem vacilante da própria pessoa é garantida pela contra-imagem do grupo desprezado. Como Sartre demonstrou em sua descrição do anti-semita, uma pessoa se legitima através do ódio a figura que institui como oposto de si própria. O branco despreza o negro e nesse próprio ato confirma sua própria identidade como pessoa com direito a demonstrar desprezo. Da mesma forma, um homem passa a acreditar em sua própria virilidade dúbia ao cuspir sobre o homossexual (Berger, 1976: 175; grifo meu).

De algum modo e em algum nível, que não cabe aqui especular, é seguro que a auto-imagem do lutador de jiu-jitsu vacila, ao menos no que diz respeito à questão da sexualidade. O recurso à agressão de homossexuais é um dos expedientes utilizados para tentar aplacar tal incerteza (e que, paradoxalmente, acaba por reforçá-la). Outro expediente, temos razões para suspeitar, pode ser a adoção de um comportamento agressivo e mesmo desrespeitoso em relação às mulheres, que passaremos a discutir adiante.

Sabemos comuns os relatos de meninas que foram “agarradas pelos cabelos” ou mesmo agredidas porque se recusaram a beijar rapazes em festas ou boates. Em depoimento a um jornal, uma jovem carioca declarou que “...em uma festa, só porque eu não quis ficar com um deles [“pitboys”], fui puxada pelo cabelo até quase cair deitada no chão. Parecia que estava num ringue (...)”. (Fonte: Jornal do Brasil, edição de 12/09/1999, pg. 56.) O machismo levado ao extremo, a idéia de que mulheres não passariam de apêndices dos homens, o suposto direito destes em abusar da violência física no trato cotidiano – ora, tais atitudes infelizmente não são novidades, e não será preciso evocar Nelson Rodrigues para lembrar-nos disso. Mas talvez fosse interessante ter o cronista fluminense em mente para

⁴¹ No original: “*The implication is that a society’s proper functioning depends upon the inculcation of aggressive patterns of behaviour in young boys*”.

pensar no reverso da medalha, isto é, no papel desempenhado pela mulher desejosa de (e atraída por) submissão e maus tratos. Com isso quero dizer que há um importante ator nesta discussão acerca dos “pitboys” que, ao que me é dado saber, até agora não mereceu a devida atenção: a “maria-tatame”, menina cuja preferência afetiva e sexual recai sobre lutadores de jiu-jitsu, geralmente fortes e de faixa graduada.

As “marias-tatames” surgiram no rastro da explosão do jiu-jitsu, quando o esporte virou moda entre a juventude da zona sul carioca. Subitamente, ser um campeão de jiu-jitsu passou a ser algo reconhecido de maneira positiva não apenas entre seus praticantes, mas também entre as meninas daquela geração:

Porque eu acho que tinha um lance também das mulheres se encantarem pelo cara que dava mais porrada, pelo cara que era o campeão de jiu-jitsu. Tanto é que tinha as maria-tatame e tal. Tinha muito isso. Tinha muito isso. Tinha muito isso. Eu me lembro, eu até participava de briga e tal, mas eu não era, tipo assim, tão brigão, eu não era o brigão da night. Só que eu andava com os brigões da night. Mas eu era competidor, competia muito. Eu me lembro de eu ganhando um campeonato de tarde, “ah maneiro, ganhei um campeonato”. Campeonato carioca, brasileiro, um campeonato desses importante, e aí eu fui sair pra comemorar. Quando eu chegava à noite no lugar, já sabiam que eu tinha ganhado o campeonato e a mulherada já tava em cima, não por quem você é, ou pelo seu papo, ou pela sua aparência, mas porque tu ganhou o campeonato, tu se tornou importante dentro daquela meiuca. Até, é uma coisa muito engraçada, os campeonatos eram cheio de mulher. Você ia competir, parecia que tava na praia, posto nove [Ipanema], tipo assim, todo mundo assistindo. Chegou uma época que a coisa ficou tão popular, dentro da zona sul e barra da tijuca, que as meninas deixavam de ir à praia pra ir assistir o campeonato de jiu-jitsu. Uma doidera, né? Durante muito tempo, ficou uma coisa super in, super na moda. (Eduardo, 30 anos, faixa-preta de jiu-jitsu.)

Conversando com ex-lutadores que viveram o *boom* do jiu-jitsu no Rio de Janeiro na década de 90, aproveitei para assuntar sobre suas relações com meninas. Todos reconheceram a deselegância dos métodos então empregados, mas não sua inadequação. Foram veementes ao afirmar, à maneira de economistas lembrando que “sem demanda não há oferta”, que muitas meninas autorizavam e, em última análise, exigiam tal comportamento. Mais uma vez, o que transparece aqui é uma filosofia da eficiência, por assim dizer.

Isso foi uma outra coisa que... Os caras do jiu-jitsu, você ouvia muitas histórias dos caras que batiam em mulher, que esculachavam mulher, os caras tiravam onda com isso. E eu vou te falar: muitas mulheres aceitavam isso. Você chegava e dava um tranco na mulher, a mulher ficava contigo. Você chegava “oi tudo bem” e blá,

blá, blá, a mulher não ficava contigo, às vezes nem olhava na tua cara. Tinha que dar um catrango, pegava pelo braço, chega aqui e tal, aí elas ficavam com você... Isso rolou e acho que ficou muito na cultura do Rio de Janeiro, tanto que você sai daqui e as pessoas falam os cariocas “tocam” pra caralho, e realmente, a gente “toca” muito. Eu acho que hoje menos, tá mais respeitoso, mas antes era muito assim, neguinho pegava a cabeça da mulher e beijava a mulher na marra, e elas beijavam... Então tinha um pouco de culpa delas. (João, 35 anos, ex-praticante de jiu-jitsu)

Durante um destes relatos – foram muitos: optei por transcrever somente os mais significativos –, surpreso com a cena descrita por meu entrevistado, não me contive e, interrompendo-lhe a fala, perguntei: “E isso tudo que vocês faziam não dava merda?”

Se elas não gostassem, ia dar merda. Mas não dava. Não dava, não dava nenhuma. Então elas gostavam, aceitavam. Eu acho até que as pessoas, a garotada masculina, a gente buscava muito isso porque a mulherada gostava disso. Hoje em dia, eu vejo que o jiu-jitsu e tal, as lutas saíram um pouco de moda, e o surfe voltou, né. O surfe era da década de 70, deu uma caída, quando a nossa geração chegou, e voltou mais com força agora. O que acontece? Hoje em dia é a mesma coisa, a menina ela acha legal o cara que pega onda bem, vai pra praia, fica assistindo, então os caras ficam disputando entre si pra ver quem pega onda melhor. Então é uma coisa muito mais saudável que na nossa época, que a gente ficava trocando porrada pra ver quem era melhor, né? (Bruno, 29 anos, ex-praticante de jiu-jitsu.)

Não é meu objetivo entrar na questão de se hoje em dia o quadro descrito nas entrevistas teria amainado ou retraído, se o surfe teria voltado à moda, se os rapazes de fato estão mais gentis ou corteses com as meninas. No que concerne ao esforço aqui pretendido, dirigir o olhar à “maria-tatame” é relevante na medida em que permite apreciar parte significativa do processo de construção de identidade do “pitboy”. Sabemos que tal processo se desenrola nas múltiplas e fragmentadas experiências que dão forma à interação social, aquilo a que comumente nos referimos como sendo as diversas esferas que compõem nossas vidas – a família, o trabalho, as amizades, as relações amorosas e assim por diante. Como assinala Zaluar, “toda identidade social constrói-se opondo-se a outras num caleidoscópio de identificações que ficam longe da idéia de identidade como algo igual a si mesmo, uno, completo e definitivo” (1985: 87). A identidade não é nem jamais poderia ser um construto exclusivamente pessoal, não obstante todos os apelos românticos em favor da autonomia, diferenciação e auto-criação do sujeito. Ao contrário,

a identidade só existe no espelho, e esse espelho é o olhar dos outros, é o reconhecimento dos outros. É a generosidade do olhar do outro que nos devolve nossa própria imagem unvida de valor, envolvida pela aura da significação humana, da qual a única prova é o reconhecimento alheio. Nós nada somos e valem nada se não contamos com o olhar alheio acolhedor, se não somos vistos, se o olhar do outro não nos recolhe e salva da invisibilidade (...) (Soares, 2004: 137).

E que melhor e mais relevante espelho para um adolescente com os hormônios em ebulição do que o olhar de uma menina? Isto posto, é fácil perceber a importância da “maria-tatame”. Ao reconhecer – e sobretudo desejar – a potência, a virilidade e mesmo a agressividade do lutador, a “maria-tatame” devolve, embebida em elogio, a auto-imagem que ele tanto se esforça para cultivar. Aprovando tal imagem, admirando-a, contribui sobremaneira para sua fixação. É talvez o estímulo mais poderoso para o jovem ainda em formação, inseguro e sedento de reconhecimento. A questão então passa a ser observar por que isso se dá, ou seja, entender as motivações que levam uma parcela das adolescentes de classe média e alta do Rio de Janeiro a eleger tal modelo de masculinidade como objeto de desejo. Seria descabido desconfiar que haveria aí um paralelo com a atração que certas meninas da zona sul demonstram ter por traficantes das favelas cariocas? Tratar-se-ia apenas do flerte com a excitação e o risco, de resto algo comum a adolescentes? Ou de uma vontade de potência, ainda que alheia e por isso mesmo danosa?

Responder a tais indagações de modo minimamente satisfatório implicaria em escrever uma outra dissertação, entrevistando outras pessoas e mobilizando outra bibliografia. Deixo aqui a sugestão de pesquisa e sigo em frente. É preciso avançar no caminho proposto.

Sobre valentia e o não levar desaforo para casa

Conversas sobre situações conflituosas, relatos de brigas ou de pancadarias generalizadas são relativamente comuns dentro de uma academia de jiu-jitsu. A frequência com que ocorrem, no entanto, não posso precisar, mesmo porque em diversas ocasiões introduzi o tema da porrada com o intuito (não declarado) de perceber como os praticantes de jiu-jitsu se relacionam com ele. Por outro lado,

estaria mentindo se não dissesse que tais conversas muitas vezes começaram espontaneamente, sem qualquer estímulo de minha parte.

Escutei de tudo um pouco. Ouvi, por exemplo, um depoimento de Marcelo, 28 anos, faixa-marron, assumindo que, na adolescência, brigava bastante na rua, por motivo pouco ou nenhum. Disse, contudo, que depois de haver aprendido jiu-jitsu, as brigas cessaram, confirmando neste caso a tese de que artes marciais em geral costumam “pacificar” o praticante, quer pelo exercício do auto-controle mental e corporal que inexoravelmente desenvolvem no indivíduo, quer pela oportunidade de sublimação da agressividade que oferecem em seus treinamentos. Por outro lado, vi o Mestre gabar-se de ter perseguido, derrubado e punido com socos e cotoveladas um ladrão que momentos antes havia ferido violentamente uma senhora numa avenida movimentada, em plena luz do dia. Notei em sua fala não o elogio à violência em si, mas sim ao senso de “fazer justiça com as próprias mãos”, de usar o jiu-jitsu para tirar um assaltante das ruas. À exceção deste relato, não presenciei ninguém se vangloriando de haver se envolvido em alguma briga de rua, ou de ter “saído na porrada” em festas, boates ou que tais.

Na verdade, o que despertou meu interesse foram menos os relatos de brigas – escassos, de qualquer modo –, do que histórias de situações conflituosas. Tais histórias me permitiram observar um comportamento que classificaria não como deliberadamente violento, no sentido do emprego da força física como recurso primeiro e mais imediato, mas sim como profundamente atravessado pela recusa a qualquer possibilidade de deixar sem resposta uma suposta agressão verbal ou atitude desrespeitosa. Numa conversa informal durante um treino, o Mestre contou uma história que ilustra bem este ponto.

Sucedeu certa vez que, ao voltar para casa em sua lambreta (carregando no guidom as sacolas das compras feitas havia pouco no supermercado), o Mestre tomou uma pequena contramão numa rua pouco movimentada. Um pedestre, que atravessava a rua olhando para o lado de onde vinham os carros, assustou-se com a súbita proximidade da lambreta e protestou: xingou repetidas vezes o motorista a plenos pulmões. O Mestre tentou argumentar, disse que não havia passado assim tão perto dele, e que portanto não havia necessidade de reagir daquela maneira. Mas o pedestre, muito irritado, prosseguiu em sua fúria de berros e impropérios:

“Seu babaca irresponsável, fazendo merda no trânsito!”.

“Aí mermão, tu tá com algum problema em casa?”, retrucou o Mestre, agora já irritado e subindo o tom de voz. “Tá maluco? Porra, já te disse que não passou perto, eu tava devagar, tô cheio de compras, minha filha tá me esperando em casa, e tu vai ficar me xingando desse jeito?”

O Mestre não é exatamente um sujeito de porte físico avantajado, muito pelo contrário. Sua pouca estatura não inspira medo. Talvez por isso o pedestre tenha resolvido levar adiante a discussão: veio andando em sua direção, o dedo em riste, os xingamentos piorando a cada passo. Precavido, o Mestre desmontou de sua lambreta. Então o pedestre deu-lhe, literalmente, uma “peitada”. Tomou em resposta um sonoro tapa na cara. Atônito, recuou um pouco.

“Cara, na boa, vai pra casa”, disse-lhe calmamente o Mestre. Não adiantou em nada: a bochecha em brasa o havia enfurecido ainda mais.

“Eu vou te pegar! Eu vou te pegar, seu filho da puta!”

“Ué, vem pegar agora.”

“Eu vou te matar!”

“Então porque não mata agora? Estamos só nos dois aqui, eu e você, quer melhor oportunidade que essa? Não disse que vai me pegar? Então, eu tô aqui, vem me pegar”.

Possivelmente assustado com a confiança com o que aquele sujeito baixinho respondia aos seus desafios, e provavelmente intuindo que não seria uma boa idéia levá-los adiante, o pedestre recuou. Foi se afastando lenta mas progressivamente, sem contudo deixar de gritar os xingamentos e ameaças. Aí o golpe de misericórdia:

“Sabe porque tu não vem me pegar? *Tu não vem me pegar porque tu é um gordinho broxa e bundão! É isso mesmo! Tu é um gordinho broxa e bundão!*”

Subiu na lambreta e deixou o assunto para trás.

Chama a atenção a maneira através da qual o Mestre encerrou a discussão: diante da recusa por parte de seu oponente em levar a discussão às vias de fato, proclama sua absoluta inferioridade. A ordem dos fatores aqui, penso, é de suma importância. O primeiro alvo a ser depreciado é o corpo, a forma física de seu interlocutor: “tu não vem me pegar porque tu é um gordinho...”. Um gordinho, um sujeito fora de forma, alguém que não tem a saúde ou os recursos físicos suficientes para encarar uma briga de rua: eis a primeira razão enunciada pelo Mestre para justificar-lhe a covardia, a recusa em se envolver em um confronto

violento. Por outras palavras, a percepção do corpo é fonte primordial de distinção entre eles – atleta, o Mestre mantém os músculos em forma, o fôlego em dia. Sabe que pode contar com o próprio corpo caso precise dele em uma situação limite, como é o caso de uma “porrada”. O corpo é, portanto, o território primeiro onde o Mestre proclama sua superioridade.

Dando seqüência ao trabalho de demolição das qualidades masculinas de seu oponente, o Mestre o diz não apenas um gordinho, mas um “gordinho broxa”. Com efeito, que melhor e mais visível exemplo de potência corporal masculina do que justamente a capacidade de obter ereção? Importa aí menos a desqualificação de uma função puramente física (a ereção em si), do que o índice de virilidade que ela encarna. No imaginário machista, virilidade é um dos pilares fundamentais da masculinidade, e o pênis, seu principal ator e parâmetro. Não à toa o falo é comumente associado a um objeto de agressão, portanto “idealizado e lido como o pau, a pica, a espada, o mastro, a marreta, o canhão, o porrete, a pistola etc” (DaMatta, 1997: 39). Neste registro, um homem “broxa”, incapaz de cumprir seu papel de satisfazer sexualmente uma mulher, não pode ser um homem por inteiro, ou um “homem de verdade”. A acusação de “broxa”, portanto, veicula uma dúvida ou desconfiança quanto à masculinidade do gordinho, como se o Mestre estivesse dizendo “você não é *homem o suficiente* para sair na porrada comigo”.

Tendo destituído seu adversário de atributos masculinos e das qualidades físicas necessárias à decisão de encará-lo numa briga, o Mestre mira na única província que restava atacar, qual seja, suas qualidades psicológicas ou comportamentais. Por isso (ou talvez por causa disso), o sujeito que lhe dirige os improperios é, além de “gordinho” e “broxa”, também um “bundão”. Ora, segundo a perspectiva do Mestre, alguém que berra e xinga sem razão, que diz que vai “pegar”, que vai “matar”, mas termina por sair de fininho, deixando descumpridas suas ameaças, este alguém só pode ser um frouxo, um covarde, um otário. É interessante notar que, mesmo fazendo diretamente alusão a uma qualidade psicológica, esta última acusação se dá através de uma gíria que refere-se a um atributo físico eminentemente feminino. Este o cerne da questão, já que

se o falo era o símbolo oficial, a marca registrada e o sinal exterior do masculino, a nádega, o rabo, o traseiro, o lolô, o cu, o lorto, a mala, o fiofó, o rabo, a bunda representavam o outro lado da medalha. Pois era nesta zona que repousava (...) o inverso da masculinidade. O seu lado lado obscuro, interior e oculto. A dimensão

reveladora de tendências insuspeitadas como a feminilidade, a impotência e a covardia: quem é que queria ser um “bundão” ou ser um “broxa”? O seu plano frágil e marginal: quem é que queria ser um “bunda-suja”? O ângulo que de certo modo dotava o corpo do homem de um pedaço antimasculino – uma parte macia e semi-aberta, que o inferiorizava e o igualava às mulheres (DaMatta, 1997: 41).

Assim, a conotação da gíria “bundão” se apóia numa distinção de gênero, a moleza do corpo feminino se refletindo na indecisão ou falta de firmeza que seria típico das mulheres, em contraste com a rigidez que caracterizaria a atitude e o corpo masculino. Mais ainda, remete à idéia de *passividade*, qualidade tida como feminina (ou homossexual), diametralmente oposta portanto ao ideal de *atividade* que atravessa todo o edifício da construção social da masculinidade⁴² (Goldberg, 1987; MacRae, 1986).

Esta história foi contada no tatame. Outros alunos também a escutaram, e reagiram a ela. Não me lembro de haver escutado alguém dizendo algo como “porque você não enfiou logo a porrada no cara?”, ou qualquer coisa do gênero, mas também não ouvi nenhum comentário do tipo “porque você simplesmente não acelerou a lambreta e deixou o gordinho falando sozinho?”. Pareceu-me bastante evidente que um código de conduta estava em questão ali, e o código de conduta de um lutador de jiu-jitsu, se por um lado não é impulsionado pela fixação em machucar os outros fisicamente, como supõe a histeria coletiva que se criou em torno deles, por outro também não se mostra muito favorável a assumir uma postura mais conciliatória, uma atitude que contemple o “deixar para lá”. No episódio, ficou bastante nítida a disposição do Mestre em não levar (o que em sua opinião era um) “desaforo para casa”. Esta mesma disposição, pude notar em muitas histórias de brigas e pancadarias que me foram contadas durante as entrevistas com ex-lutadores de jiu-jitsu. Eis o melhor exemplo:

Então eu acho que também acontecia o seguinte. Você não sai pra brigar. Mas qualquer coisinha, se neguinho esbarra em você, você já diz “porra mermão, que porra é essa? Se liga aí, cumpadi!”. Sabe, tipo assim, você já tá predisposto a não levar desafio pra casa. Não é nem levar desafio pra casa: você não vai é sair por baixo de uma discussão. Se o cara fala “qual foi?”, fodeu. “Como é que esse cara me diz ‘qual foi’? Qual foi o caralho! Qual foi o quê, mermão!”. Se o cara pede desculpa, beleza. Mas se o cara começa a enfrentar, pronto: “ah, eu vou

⁴² Entre jovens cariocas, é comum também escutar que “fulano é um cuzão”, significando que trata-se de um “frouxo”, alguém sem disposição para a briga, e também que “fulano peidou”, isto é, acovardou-se, fugiu à luta de maneira vergonhosa.

matar esse cara aqui”. É o famoso “porra, perdeu a noção do perigo?”. (Marcelo, 30 anos, ex-lutador de jiu-jitsu.)

Contudo, a expressão mais cristalina, ou a tradução mais perfeita deste *ethos* atravessado pela noção de valentia a virilidade, encontrei-a não nas entrevistas ou conversas informais com os colegas de academia, mas nas páginas da revista Tatame, a principal publicação sobre jiu-jitsu e vale-tudo do Brasil. Trata-se de uma coluna, cuja frequência é incerta, assinada por Ramirez Escobar. Reproduzo aqui o artigo em versão integral, apenas adicionando alguns parênteses explicativos. O leitor há de desculpar a extensa citação; ocorre que, para a melhor compreensão do argumento que venho desenvolvendo, o texto merece ser apreciado por completo.

Brincando de Lutar (por Ramirez Escobar)

Depois de pagar o mico de me vestir de Power Ranger no Natal, meu filho me colocou em mais uma calça justa. Sempre brinquei de luta com o moleque e, por motivos óbvios, ele me acha o mais forte dos samurais! Pois bem, no início do ano, a mãe colocou ele no Judô. Era o menor da turma e rapidamente se tornou o mascote da garotada. Só que de uns tempos para cá ele começou a machucar alguns coleguinhos durante os treinos. Mesmo a quilômetros de distância, a culpa, como não podia deixar de ser, acabou recaindo sobre mim. A mãe diz que ele herdou a grossura do pai e o professor dele, para minha surpresa, resolveu entrar em uma análise psico-comportamental do Ramirinho. E do alto dos seus 20 anos o professorzinho chegou a brilhante conclusão de que meu filho bate nos colegas durante os treinos porque eu bato nele quando brincamos de luta!

Não vou esconder que fiquei puto quando minha mulher veio me falar sobre o assunto. Principalmente porque notei um certo brilharinho em seu olhar ao me contar a opinião do professor de Judô. Saquei tudo na hora. Não satisfeito em criticar a maneira como eu educo meu filho, o safado ainda queria comer a minha mulher! Sem deixar pistas, passei a estimular o moleque a apavorar ainda mais durante as aulas. Para minha mulher, falava que o problema era do professor, que não tinha domínio sobre a turma. Até que um dia o professor-psicólogo teve outra “brilhante sacada”. Resolveu pedir para o Ramirinho convidar o pai para fazer uma aula. Ele e a mãe tanto me encheram o saco que acabei aceitando tal convite.

Faltavam dez minutos para a aula das crianças começar quando cheguei à academia, ainda de terno. Coloquei meu quimono, amarrei minha faixa-preta na cintura e fui para a sala. Mal entrei no dojô e o professorzinho gritou: “o papai esqueceu de cumprimentar o Jigoro Kano”. As crianças riram, eu voltei para a porta da sala e reverenciei um retrato velho que estava na parede. Dei mais três passos e ele perguntou: “O papai é faixa preta de Judô?” Ao responder que minha faixa preta era de jiu-jitsu ele me jogou uma faixa branca e pediu para trocar. Olhei para o meio dos olhos dele e saquei o que estava acontecendo na hora. O cara resolveu tirar onda com a minha cara na frente da minha família. Minha vontade era de quebrar ele ali mesmo, mas segurei a onda. Não satisfeito o judoquinha de merda começou a aula dizendo que ia aproveitar a presença de um lutador experiente para demonstrar algumas técnicas avançadas de projeção.

Olhei para um lado, para o outro e deduzi que ele estava se referindo a mim. Durante mais de dez minutos o sem-vergonha me usou de sparring para me jogar

de tudo quanto foi maneira no tatame. A cada vez que eu me esbarrachava no chão ele dizia o nome da técnica e a criançada batia palmas. Em uma das quedas, cai de frente para a platéia de pais, que para minha surpresa era enorme. Mais tarde descobri que o safado do professor mandara bilhete avisando aos pais que haveria demonstração. Mas o que mais me incomodou foi ver, no meio do público, a cara de admiração com que minha mulher assistia ao professor espancar o seu marido. A partir dali eu confesso que perdi o controle.

Na queda seguinte, aproveitei que o mané permaneceu em pé segurando meu braço e o puxei para a guarda. Dominei braço e cabeça e disse para a platéia: “o nome desse estrangulamento é triângulo. Corta a circulação de oxigênio para o cérebro. Reparem como ele vai ficando roxo. Se [o professor] não bater [sinalizar desistência], apaga”. Quando o professorzinho parou de resistir e finalmente bateu, eu abri o triângulo e fui direto para um arm-lock [chave de braço] invertido. Narrei mais uma vez o nome da técnica para a turma e a platéia e dei uma estalada maldosa no braço dele. O cara bateu mais uma vez e soltou um grunhido de dor. Aí eu fiquei de joelhos e dei a mão como se fosse ajudá-lo a se levantar. Ele segurou e eu gritei “Olha o kataguruuuuuuma” e joguei o cara de costas no tatame.

Eu ainda tinha mais técnicas para mostrar mas percebi que tanto a platéia quanto as crianças estavam meio assustadas. Então levantei, peguei minha faixa preta de volta e agradei o convite do professor, que aquelas alturas tava meio torto. Dei uma piscadela de olhos para minha mulher e saí. Só estranhei o fato de ninguém ter batido palmas para as técnicas que eu demonstrei... bando de puxa-sacos! (Fonte: Revista Tatame, edição 122, abril de 2006, p.58.)

O texto é bastante revelador de um modo de perceber as coisas profundamente atravessado por um ideal machista de masculinidade, no qual incluem-se questões (a virilidade, o não levar desaforo para casa) ligadas a esta particular forma de *ethos* guerreiro que venho examinando. Em primeiro lugar, o que seria uma constatação um tanto óbvia a um professor de judô – a de que uma criança tende a reproduzir o comportamento que aprende dentro de casa – transforma-se numa ameaça conjugal, numa possibilidade de adultério, sem que haja qualquer indício mais concreto que aponte nesta direção. Um tanto paranoicamente, Ramirez intuiu, através apenas da percepção de um suposto “brilhinho no olhar” de sua esposa, que o “safado queria comer a [sua] mulher”. Assim procedendo, transformou automaticamente o professor de judô em um rival, potencialmente danoso à estabilidade de seu casamento. O que faz Ramirez então? Reage ao estereótipo de lutador violento de jiu-jitsu de maneira que termina por reforçá-la, primeiro estimulando o filho a bater nos coleguinhas de treino, depois dando uma verdadeira surra no professor de judô, deixando toda a platéia, inclusive sua mulher, claramente constrangida, assustada.

Em que pese o desmedido de sua reação, não se pode deixar de observar que, ao convocar Ramirez para uma demonstração pública de técnicas de judô na

qual serviria como *sparring*, e sem o avisar explicitamente que tal se sucederia, o professor de judô provocou de fato uma situação no mínimo desconfortável. Estava em jogo ali uma disputa de autoridade, mediada neste caso pelo papel da mulher de Ramirez. O professor de judô pretendia “dar uma lição” a Ramirez e, mais ainda, fazê-lo na frente de seu filho de tal modo que este percebesse que seu pai afinal não era nenhum super-herói, mas antes um mortal comum, igual a todos, e portanto passível de ser derrotado. Aqui, mais uma vez, encontramos a recusa em deixar sem resposta uma atitude considerada desrespeitosa (“Olhei para o meio dos olhos dele e saquei o que estava acontecendo na hora. O cara resolveu tirar onda com a minha cara na frente da minha família.”), acompanhada da afirmação da própria superioridade frente ao seu adversário (“do alto dos seus 20 anos o *professorzinho* chegou a brilhante conclusão...”, “o *judoquinha de merda* começou a aula dizendo...”, “aproveitei que o *mané* permaneceu em pé segurando meu braço...”). Como afirma Cecchetto, “é sobre a emasculação de outros que se constrói um tipo de masculinidade hegemônica” (2004: 66); não é sem razão, pois, que (assim como no confronto com o “gordinho broxa e bundão” contado pelo Mestre) Ramirez, ao sentir ameaçado seu *status* de macho dominante, tenha sentido a necessidade de desqualificar seu oponente em termos de virilidade e potência corporal.

É sem dúvida redundante, mas nem por isso desnecessário, lembrar que toda arte marcial confere poder, inscrito no corpo do indivíduo que a pratica. Ao mesmo tempo, o ensino de artes marciais é tradicionalmente acompanhado de uma filosofia, em geral pautada por princípios de não agressão e respeito ao próximo, como é o caso do Judô, do Caratê e do Kung Fu, entre outras. Mas o jiu-jitsu brasileiro, como pudemos verificar através dos muitos depoimentos e histórias veiculados na revista Gracie Magazine, nasce e se consolida como uma arte marcial com um objetivo (um tanto *sui generis*) claramente definido, qual seja, provar-se a mais eficaz em brigas de rua. Trata-se, neste caso, de uma filosofia da eficiência, da competência e habilidade de usar o corpo-arma levados ao seu grau máximo.

Se, com Pierre Clastres, lembrarmos também que “o guerreiro é, antes de tudo, sua paixão pela guerra” (2004: 284), seremos levados a reconhecer que uma tal filosofia da eficiência em confrontos violentos não fica de pé sem um estímulo psicológico, um estado de espírito que só pode ser atravessado pela valentia, pela

disposição constante para a briga. Que os membros da família Gracie tenham sempre exibido tal comportamento, não é novidade para ninguém. Também não é o fato de que muitos praticantes de jiu-jitsu igualmente revelem temperamento mais intempestivo ou mesmo agressivo, talvez não tanto porque eles assim o queiram, mas porque o podem. Este *ethos* guerreiro, que é a um só tempo parte da atmosfera das academias de jiu-jitsu e uma de suas condições de possibilidade, pude experimentá-lo em todo o seu vigor durante a adolescência. Contudo, não foi exatamente com esta realidade com que me deparei quando voltei a praticar jiu-jitsu para a feitura desta pesquisa, na mesma academia de outrora. Práticas como “taparia”, “bloqueio” e “baile funk” desapareceram dos treinamentos rotineiros de jiu-jitsu – é significativo, por exemplo, que em sua etnografia entre lutadores de jiu-jitsu, Cecchetto (2004) não faça qualquer menção a estes tipos de treinamento. Na verdade, tais práticas não desapareceram, apenas profissionalizaram-se, e isto porque, com a explosão das competições de vale tudo, a porrada profissionalizou-se. Atualmente, o MMA é a melhor oportunidade de bons salários para atletas de jiu-jitsu; não sem razão, há na academia um horário exclusivamente dedicado à preparação para este tipo de competição, do qual só podem participar alunos de graduação mais elevada (faixa marrom ou preta) que desejam se profissionalizar.

Em resumo, o jiu-jitsu havia mudado. A faixa etária de boa parte de seus praticantes também. Perguntado a este respeito, o Professor respondeu-me que

Antigamente eu chegava de olho roxo em casa, numa brincadeira dessas [“taparia”], chegava pra minha mãe e não falava que era o jiu-jitsu, com medo dela me tirar. Hoje em dia, não. Hoje em dia você faz uma “taparia” com uma criança aqui, como a gente fazia, a mãe vai ver a marca, “quê que é isso?” Vai vir aqui, é processo, tira da academia. Na nossa época, as mães liberavam mais, tinham menos medo de violência. E outra coisa: quando a gente começou, a faixa etária era dezesseis anos pra baixo. Hoje em dia, o cara de trinta anos não quer tomar tapa na cara, pular carniça. O cara sai do trabalho, vai pra faculdade e vem treinar, ele não quer vir aqui pra se matar, pra depois dar um rola [um treino propriamente dito]. Antigamente não tinha neguinho de trinta anos, a maioria era molecada, dava oito treinos direto. Hoje em dia, nego dá dois [treinos] e morre. São outros tempos.

Foram os tempos atuais do jiu-jitsu que tentei captar em minha etnografia. Há algo de paradoxal nesta tentativa, como apontei já na introdução deste

trabalho⁴³. Meu objetivo era entender a relação entre jiu-jitsu e violência, relação esta que se cristaliza na ação dos “pitboys”. No entanto, minha experiência em campo acabou por não autorizar a feitura de uma associação direta, do tipo causa e efeito, entre jiu-jitsu e “pitboys”. Mas não foi somente o jiu-jitsu e seus praticantes que mudaram. Desde que foi criado, também o termo “pitboy” teve o seu uso alterado. Falaremos sobre isso no próximo capítulo.

⁴³ A este respeito, vale lembrar que a segunda metade da década de noventa marcou o auge do jiu-jitsu, seu grau máximo de popularidade entre os jovens da zona sul carioca. Em outras palavras, o jiu-jitsu estava definitivamente na moda. Como todo fenômeno de moda, o jiu-jitsu comportou um sinal de distinção entre classes e engendrou sua própria decadência: no momento mesmo em que se tornou dominante, começou a deixar de ser moda (Simmel, 2005).